

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS - CCHEL  
COLEGIADO DE HISTÓRIA

**Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos  
trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em  
Marechal Cândido Rondon (2000-2010)**

**FAGNER GUGLIELMI PEREIRA**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. PR

2011

**FAGNER GUGLIELMI PEREIRA**

**ENTRE A PROPAGANDA DO PROGRESSO ECONÔMICO E A  
EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES: UM ESTUDO SOBRE  
O TRABALHO AGROINDUSTRIAL EM MARECHAL  
CÂNDIDO RONDON-PR (2000-2010)**

Trabalho de Conclusão de Curso , sob a orientação da Professora Aparecida Darc de Souza, apresentado à Banca Examinadora como exigência parcial a obtenção do título de Licenciado em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.

Marechal Cândido Rondon, PR.

2011



**FAGNER GUGLIELMI PEREIRA**

**ENTRE A PROPAGANDA DO PROGRESSO ECONÔMICO E A  
EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES: UM ESTUDO SOBRE  
O TRABALHO AGROINDUSTRIAL EM MARECHAL  
CÂNDIDO RONDON-PR (2000-2010)**

**Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura Plena em  
História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:**

**Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2011**

---

**Aparecida Darc de Souza (Orientadora)**

---

**Prof. Dr. Antonio de Pádua Bosi**

---

**Prof. Dr. Rinaldo José Varussa**

# **DECLARAÇÃO DE AUTORIA**

**Eu, Fagner Guglielmi Pereira, residente da Rua Pernambuco 1885 em Marechal Cândido Rondon-PR, declaro que a monografia aqui apresentada é de minha exclusiva autoria, assumindo, portanto, total responsabilidade sobre ela.**

---

**Fagner Guglielmi Pereira**

**Marechal Cândido Rondon, 24 de Novembro de 2011.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais Bernadete Guglielmi Pereira e Sebastião da Silva Pereira e minha irmã Flávia Cecília Pereira pelo apoio, carinho e pela compreensão de todos esses anos que fiquei ausente do convívio familiar. À companheira Suzane Conceição Pantolfi Tostes, por ler atentamente meus textos e que há três anos com muito carinho e atenção suporta meus defeitos e compartilha comigo um projeto de vida semelhante.

Agradeço especialmente a professora e orientadora Aparecida Darc de Souza por acompanhar minha trajetória de vida nesses quatro anos, agradeço ainda pela paciência, dedicação, sinceridade e empenho com o qual tratou os assuntos referentes a este nosso trabalho. Aos professores Antonio de Pádua Bosi e Rinaldo José Varussa pela generosidade e pelo “empréstimo” de muitas de suas reflexões contidas neste trabalho.

A todos da turma de História de 2008.

Ao Movimento Estudantil da UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon-PR e aos amigos dispostos a lutar por um mundo melhor. Agradeço os espaços que ofereceram a possibilidade de trocar ideias, compartilhar sonhos e discutir projetos de mundo coletivamente.

Agradeço ao pessoal do Diretório Central dos Estudantes – **DCE** da UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon-PR, especialmente à gestão 2009: “Um convite ousado à ousadia”, e 2010 “Um passo à frente e você não está no mesmo lugar”. Agradeço aos companheiros da chapa do Centro Acadêmico de História Zumbi dos Palmares gestão “O Alento: do silêncio ao grito!” e a gestão “Se rebeldiar” da Associação de Pós Graduação da Unioeste.

Ao pessoal do futebol, tradição na História há seis anos!

Agradeço aos amigos e companheiros do Laboratório de Ensino de História - **LEH**. Ao Observatório do Mundo Contemporâneo - **OMC**, projeto que potencializou minha inquietação e contribui para minha militância. Agradeço também a todos do Programa Institucional Bolsa e Incentivo à Docência - **PIBID** e aos alunos da rede pública de ensino de Marechal Cândido Rondon-PR, em especial aos estudantes da 7ª “E” (vespertino) 2º “B” (primeiro semestre de 2011) e 3º “B” (segundo semestre de 2011) do Colégio Estadual Frentino Sakser.

Agradeço a todos do Laboratório de Trabalho e Movimentos Sociais - **LTMS** pelo acolhimento, pelos textos discutidos e por minha iniciação no “mundo do trabalho”. Agradeço

a todos os professores do colegiado do curso de história que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

Agradeço, por fim, aos trabalhadores e trabalhadoras de Marechal Cândido Rondon-PR, protagonistas do nosso trabalho, que me receberam gentilmente em suas casas, espero, a partir de suas impressões, contribuir na construção de mundo melhor para nós.

## RESUMO

PEREIRA, Fagner Guglielmi. Trabalho industrial em Marechal Cândido Rondo: . Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em História – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2010.

Este trabalho tem por objetivo entender os sentidos do trabalho identificado por trabalhadores que participaram do fortalecimento da atividade industrial entre os anos 2000-2010. Nesta década foi produzido um rico material sobre o desenvolvimento industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Uma quantidade muito grande de matérias jornalísticas divulgou durante este tempo o potencial do Município de Marechal Cândido Rondon-PR em receber indústrias. Segundo as matérias do jornal “O Presente”, o “desenvolvimento regional” conta necessariamente com o fortalecimento industrial. Aumento da renda do município, “crescimento”, “progresso” e “geração de empregos” foram insistentemente divulgados pelo jornal como resultados do apoio ao fortalecimento industrial. Estas propagandas contribuíram para promover e projetar na região do extremo oeste paranaense uma imagem positiva da atividade industrial. Durante os anos 2005-2010, constatou-se um aumento muito grande na produção das empresas alimentícias. Jornais e relatórios anuais das empresas alimentícias divulgaram com positividade os índices de produtividade alcançados. De fato, os números divulgados foram muito altos. Estes números foram responsáveis por elevar o município de Marechal Cândido Rondon-PR ao título de exportador mundial de carne de frangos, biscoitos e produtos de leite industrializados. No entanto, o fortalecimento da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR gerou sentidos contestadores. A prosperidade anunciada pelo jornal parece não alcançar a classe trabalhadora. Trabalhadores de três indústrias de Marechal Cândido Rondon-PR foram entrevistados, tais como: Indústria de Beneficiamento do Leite FRIMESA; Indústria de Biscoitos FAVILLE e Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Suas experiências com o trabalho confirmam e aprofundam a contradição entre os sentidos e significados do trabalho nas indústrias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalhadores, Trabalho, Atividade Industrial.



# SUMÁRIO

<b>Apresentação .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 01</b>	
<i>Imprensa e Trabalho Industrial .....</i>	<b>12</b>
<b>Capítulo 02</b>	
<i>Produtivismo e Intensificação do trabalho .....</i>	<b>27</b>
<b>Capítulo 03</b>	
<i>O sentido do trabalho e o cotidiano da fábrica.....</i>	<b>38</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>52</b>
<b>Referências .....</b>	<b>55</b>

## APRESENTAÇÃO

“O Trabalho Dignifica o Homem”. Quando eu era criança, ouvi inúmeras vezes minha mãe falar isto. Lembro-me que aos cinco anos de idade fui ao emprego do meu pai pela primeira vez. Acordei cedo, passei água no rosto, tomei café e vesti minha camisa de seda azul. Fiz exatamente o “ritual” de preparação que meu pai fazia para ir ao trabalho todos os dias. Achei que fosse divertido. Voltei pra casa com minha camisa de seda azul manchada de graxa. As gotas daquele óleo preto me renderam algumas palmadas. Não me lembro de voltar a usar a “camisa de sair” novamente. Anos depois a empresa que fazia carrocerias de caminhão em que meu pai trabalhava declarou falência e meu pai ficou, mais uma vez, desempregado.

Eu, às vezes, lembro da minha “camisa de sair”. Ela marcou uma “fase” da minha vida. O primeiro contato com o mundo do trabalho. As manchas de graxa na camisa representavam para mim a dignidade alcançada pelo fato de ter participado de um dia de trabalho do meu pai. Elas eram as provas do meu primeiro dia de labuta. Mas, então, porque nunca mais voltei a usar a camisa de seda azul?

Ao ingressar no curso de História em 2008 percebi que muitos de meus colegas de Universidade, inclusive eu, trabalhavam para manter seus estudos. Foi algo que me incomodou bastante. Logo, percebi que o trabalho é ponto central na vida de filhos e filhas de trabalhadores como eu. Muitos de meus colegas revelaram para mim que dormiam em sala de aula. Exaustos, não suportavam ficar horas e horas acordados, o que lhes prejudicava na leitura dos textos bem como na compreensão de algumas reflexões. Alguns deles trabalhavam em indústrias alimentícias aqui em Marechal Cândido Rondon-PR.

No ano de 2009 iniciei um projeto de pesquisa sob orientação da professora e orientadora Aparecida Darc de Souza. No início, queria entender um pouco melhor a vida de meus colegas, que eram trabalhadores de diferentes áreas. Fiquei surpreso, no decorrer da pesquisa, ao perceber o número expressivo de estudantes que trabalhavam ou que já haviam trabalhado na indústria. Dedicar-me a um esforço de pesquisa que contemplasse a minha inquietação pareceu bastante promissor. Logo, dei início ao trabalho e compreendi que já havia uma numerosa produção na academia que, no entanto, poderia me auxiliar no desenvolvimento desta pesquisa.

Ao entrar em contato com a produção historiográfica local sobre trabalho e trabalhadores na atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR, surpreendi-me ao

verificar que os empregos oferecidos em Marechal Cândido Rondon-PR são praticamente dominados por tal atividade. Cerca de 40% dos empregos formais da cidade são monopolizados pelas indústrias alimentícias de Marechal Cândido Rondon-PR. Grande parte dessa oferta é disponibilizada por um frigorífico de frangos instalado aqui neste município desde 2005.

O contato com os estudos do professor Marcelo Carvalho<sup>1</sup> foi importante para entender um pouco mais sobre “O emprego em Marechal Cândido Rondon-PR na dinâmica geográfica do capital”. O esforço de pesquisa do professor indica que o fortalecimento da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR segue uma tendência mundial de novas possibilidades de absorção de capital. A geração de empregos em Marechal Cândido Rondon-PR segue uma lógica inversa a da geração de empregos nacional. Mais uma vez, lembrei-me do meu pai. Recordo-me de quando ele contava sobre o tempo em que trabalhou duro na “pendura” do frango no frigorífico da SADIA em Toledo-PR. Percebi, de uma vez por todas, que entender um pouco mais sobre as implicações do trabalho industrial para os trabalhadores de Marechal Cândido Rondon-PR corresponde, proporcionalmente, a entender melhor sobre minha própria vida.

Até meus cinco anos de idade, minha família e eu mudamos de moradia inúmeras vezes em busca de emprego, procurando insistentemente estabilidade. Nem sempre isto foi possível, pois o trabalho sempre orientou e reorganizou nossas vidas. Quando li pela primeira vez o livro “Intensificação e Precarização do trabalho no Brasil recente”, do professor Antônio Bosi<sup>2</sup>, tive certeza disto. Percebi que o trabalho determina modos de se viver. Todavia, o trabalho, tão importante na organização da vida dos trabalhadores, segue uma tendência nacional de intensificação e precarização. De catadores de lixo reciclável a professores universitários, o trabalho corresponde à maneira pela qual os trabalhadores conduzem suas vidas. Por caminhos diferentes, a intensificação do trabalho afeta a organização social de inúmeros trabalhadores. Edmundo Fernandes Dias<sup>3</sup> também confirma isto. Em um artigo denominado “Reestruturação Produtiva: forma atual da luta de classes”, Dias aponta que as transformações técnicas na sociedade capitalista denominada como “Reestruturação Produtiva” potencializou as contradições entre capital e trabalho

---

<sup>1</sup>CARVALHAL, M.D.. “O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital”. In **Revista Pegada**. N.1, v. 18, Presente Prudente: UNESP, 2007, p.77-100.

<sup>2</sup>BOSI, Antonio P.. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente: Ensaio sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000)**. 1ª Ed. – Cascavel: Edunioeste, 2011.

<sup>3</sup>DIAS, Edmundo Fernandes.. “Reestruturação Produtiva: forma atual da luta de classes”. In: **Revista Outubro**, São Paulo, nº3, p. 45-52, 2006.

fundamentando a forma atual da luta de classes baseado num modo de vida precário para os trabalhadores. Neste sentido, as transformações técnicas não resultaram em modos de vidas progressivamente qualitativos. Em “Trabalhadores e Trabalho no Oeste do Paraná: trajetória de pesquisas os professores Rinaldo José Varussa e Antônio Bosi<sup>4</sup> reuniram uma numerosa produção acadêmica que também confirma isto. Perda de condições de trabalho e de vida, perda de habilidades profissionais e saberes laborais parecem ser o resultado ascendente de intensificação, degradação e precarização do trabalho.

O contato com leituras de Karl Marx<sup>5</sup> também me ajudou muito. Marx, em “O 18 Brumário de Luis Bonaparte”, afirma que “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles que escolhem as circunstâncias pelas quais ela é feita”<sup>6</sup>. Pude perceber porque meus pais e eu mudamos tanto de lugar. Entendi melhor sobre nossas idas e vindas. Não era para “procurar uma vida melhor” ou para “crescer na vida”, mas sim em busca de trabalho, portanto, de sobrevivência.

Recordo-me de uma entrevista que realizei com um trabalhador no início deste ano de 2011. André<sup>7</sup>, jovem operário com quem tive a oportunidade de conversar durante uma dessas longas tardes de verão, relatou a mim sua trajetória de vida. André deslocou-se inúmeras vezes de lugar em busca de emprego, trabalhou em diversas ocupações e confessou que até já pensou em migrar para o exterior em busca de um emprego que lhe rendesse melhor remuneração. A vida de André foi reorganizada incontáveis vezes em função do trabalho. É certo, entretanto, que André associa a remuneração a uma vida melhor. Uma remuneração melhor garante para trabalhadores como André a compra de sua diversão nos raros horários de folga. Contudo, como afirma Wrigth Mills<sup>8</sup>, sociólogo estadunidense, quando o trabalho e o lazer entram em competição, o lazer sempre leva a palmada.

Mas, o trabalho na indústria não tem se quer disponibilizado tempo para o descanso dos operários como indica o jovem operário João. João é meu amigo e é estudante universitário. Durante praticamente dois anos conciliou os estudos com o trabalho na indústria. Durante este período, João empregava 13 horas de seu dia em função da preparação e execução do trabalho no frigorífico. Teve sorte por não ter adquirido doença ocupacional, mas recorda negativamente do ritmo de vida que levava em função do trabalho na indústria.

---

<sup>4</sup> BOSI, Antonio e VARUSSA, Rinaldo J.. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná: trajetórias de pesquisa”, in: ALMEIDA, Paulo ET all. **História Poder e Práticas Sociais**. Cascavel: Edunioeste, 2006.

<sup>5</sup>MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

<sup>6</sup>MARX, Karl. **O 18 brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 25-37.

<sup>7</sup> Todos os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos.

<sup>8</sup> MILLS, C.W.. **A Nova classe média**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 233-253.

Outros trabalhadores que entrevistei, tais como Ana Maria, Fernanda, Leandro, Lúcia e Ricardo, viveram, assim como João e André, os dilemas causados pela dinâmica contraditória que caracterizou a ampliação da atividade industrial na cidade de Marechal Cândido Rondon. Estes trabalhadores vieram para esta cidade em busca dos empregos oferecidos pelas indústrias alimentícias a partir dos anos 2000. A trajetória de vida deles recupera um pouco da trajetória de vida de inúmeros outros trabalhadores, inclusive da minha própria trajetória.

Ao perceber isto, não posso deixar de mencionar o método que me auxiliou a aproximar de uma constatação coletiva. Em “A Formação da Classe Operária Inglesa”, Edward Palmer Thompson<sup>9</sup> demonstrou que as narrativas individuais dos trabalhadores são capazes de indicar elementos comuns da experiência da classe a partir dos sentidos que ela atribui em sua relação com o trabalho. Foi isto que tentei fazer a partir dos depoimentos gentilmente concedidos pelos trabalhadores de Marechal Cândido Rondon-PR. Eles também parecem ter perdido sua “camisa de seda azul”.

---

<sup>9</sup>THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3 Volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

## CAPÍTULO 1

### Imprensa e Trabalho Industrial

Neste primeiro capítulo buscaremos discutir o processo de crescimento e ampliação da atividade agroindustrial em Marechal Cândido Rondon a partir da análise do periódico “O Presente”. Este é um jornal diário que, atualmente, é distribuído em cerca de 30 municípios na região do extremo Oeste do Paraná. Desde sua fundação, em 04 de outubro de 1991, “O Presente” conta com mais de 3.000 edições, com a média de 7.000 tiragens diárias.

Em termos metodológicos, buscou-se, no trabalho de pesquisa, observar a imprensa como um agente ativo da história do capitalismo. Isto implicou entender e problematizar o modo de vida influenciado pelo poder político e econômico exercido e propagado pelos veículos de comunicação<sup>10</sup> em função da ampliação e reprodução do capital.

Assim, tendo por amparo esta perspectiva, partiu-se da premissa de que o jornal “O Presente” atuou como agente político para criar as condições necessárias para a reprodução do capital através do processo de ampliação da atividade industrial local. Nesta perspectiva é preciso ressaltar ainda que o jornal “O Presente” é associado da ACIMACAR (Associação Comercial e Empresarial de Marechal Cândido Rondon-PR), assim como de outras empresas da cidade, como o Grupo Zadinello, responsável pela indústria de biscoitos FAVILLE e gerido pelo empresário Dali Zadinello; a indústria de beneficiamento do leite FRIMESA, do diretor-presidente Valter Vanzella; e Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL, do diretor-presidente Ricardo Chapla.

O que observou-se é que entre os anos de 2000 e 2010, o jornal elaborou e divulgou matérias para promover a indústria na região e, em particular, na cidade de Marechal Cândido Rondon-PR, de maneira a favorecer os interesses dos grupos dominantes locais. Ao longo deste capítulo, buscaremos explicitar as ações do jornal entre os anos 2000 e 2010.

#### 1.1 - “CRESCIMENTO INEGÁVEL”

Ao folhear o jornal “O Presente” durante a pesquisa, encontrou-se, nesta primeira década do século XXI, muitas notícias referentes à atividade industrial na região oeste do

---

<sup>10</sup>CRUZ. Heloísa F.. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. In: **Projeto História: história e imprensa**. São Paulo, EDUC, 2007, p. 259.

Paraná. Eram, em sua maioria, matérias que destacavam positivamente o desenvolvimento do setor agro-alimentício na cidade. A partir da década de 2000, “O Presente” anunciou várias alternativas para possibilitar a implantação imediata de alguns projetos industriais. O jornal “O Presente” divulgou as “vantagens” da atividade industrial para o comércio, para os empresários e para os trabalhadores como solução para os problemas relativos à concentração de renda. Era preciso então, de acordo com o jornal, agregar valor aos produtos agropecuários para que “os valores” fossem divididos entre todos os setores da sociedade.

Matérias jornalísticas, produzidas neste contexto, enfatizaram o potencial de Marechal Cândido Rondon-PR em receber indústrias. As matérias atribuíram a esse movimento a importância relativa ao “crescimento” municipal. Em editorial publicado no dia 04 de agosto de 2000, “O Presente” divulgou a capacidade do município de Marechal Cândido Rondon-PR de seguir “rumo ao desenvolvimento”. Essa afirmação provém da constatação de que o município era, naquele momento, a “quarta força econômica” do Oeste do Paraná. Comparado a municípios que dispõe de mesmas condições, Marechal Cândido Rondon-PR “é um pólo de irradiação de idéias”, ressalta “O Presente”, donde as forças políticas precisam atentar para planejar novas ações para que o município não tenha interrupções nos projetos de ampliação da atividade industrial. A matéria seguiu apontando a posição privilegiada do município ante as expectativas de implantar os empreendimentos industriais. Para isto, o editorial indicou a importância da “mobilização da população” para que tais projetos não se percam. Nesta toada, “O Presente” apontou os caminhos que precisavam ser percorridos para atingir um “crescimento” que, segundo ele, era praticamente inevitável:

O município de Marechal Cândido Rondon tornou-se, portanto, um pólo de irradiação de idéias e ações que fortalecem sua economia e proporcionam um crescimento contínuo e bem acentuado. Esse conjunto de fatores, que ao longo dos anos foram amadurecendo, *aliados ao esforço do governo de Marechal Cândido Rondon de incentivar a implantação de novos projetos industriais e ampliar algumas empresas já existentes, fizeram o município colher resultados importantes, especialmente no tocante ao crescimento econômico e no combate ao desemprego*<sup>11</sup>. Grifo nosso

Essa matéria de 2000, a exemplo de outras deste mesmo ano, foram responsáveis em produzir a “necessidade” de acolher as indústrias, destacando os benefícios provindos dos projetos industriais. Nos primeiros anos da década de 2000, o posicionamento das matérias enfatizou o crescimento, bem como a disponibilidade de empregos para Marechal Cândido Rondon-PR, caso, obviamente, esses projetos fossem aprovados. Havia, neste momento,

---

<sup>11</sup>O PRESENTE. “Crescimento Inegável”. 4 de Agosto de 2000, p. 2.

projetos que incentivavam a implantação de novas indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR. Tais projetos, que despontariam num “crescimento contínuo”, pautavam-se necessariamente na implantação de um frigorífico de suínos ou em um complexo avícola, “um grande negócio” que aguardava empreendedores atentos às sugestões propostas.

## 1.2 “UM GRANDE NEGÓCIO”

Um “grande negócio” aguardava a resposta da classe dominante. Em 4 de Agosto de 2001 “O Presente” ratificou a iniciativa de transformar o município de Marechal Cândido Rondon-PR num agenciador dos “negócios” sugeridos. Nesta toada, o desenvolvimento industrial atrairia necessariamente bons negócios derivados da possibilidade de “crescimento” em função da aprovação de novos projetos industriais. Segundo esta reportagem, um grande negócio atrairia outros grandes investimentos. Nessa sequencia, o “progresso” seria praticamente certo. Era a ideia do “crescimento contínuo”.

A capacidade que o município de Marechal Cândido Rondon-PR tinha para instalar tais empreendimentos moveu as expectativas de promover a instalação de projetos industriais para o futuro. “O Presente” não deixou passar despercebido os projetos que estavam em pauta. O município, segundo o jornal, tinha plena capacidade para “abraçar” tais empreendimentos.

O jornal “O Presente” destacou a importância dos projetos industriais para o crescimento contínuo do município. Pressionou as “autoridades” municipais para que não desconsiderassem o fato de que os empreendimentos eram bons negócios e que necessariamente atrairiam, futuramente, outros.

*O município ainda tem capacidade para alojar um complexo avícola e um frigorífico de suínos. São dois seguimentos onde matéria-prima certamente não faltará e que podem trazer ao município, a exemplo da Sudecop, outros empreendimentos ligados ao setor. É bom que nossas autoridades não percam de vista esses dois grandes projetos para que a oportunidade de implantar essas indústrias não passe despercebidas.<sup>12</sup> Grifo nosso.*

O jornal “O Presente” indicou a capacidade de o município oferecer condições favoráveis para a extração de lucros maiores em relação a outras regiões e, para isto, a “união

---

<sup>12</sup>O PRESENTE. “Um grande negócio”. 01 de Agosto de 2001, p. 2



é fundamental”. Segundo estudos de Gilvana Costa<sup>13</sup>, foi nessa conjuntura que se intensificou a organização do capital regional em Arranjos Produtivos Locais (APL’s). Para “vencer” os obstáculos criados pelo monopólio da economia, intensificados depois dos anos 90, nasceram novos projetos de cooperativas. As pequenas e médias empresas locais se uniram para cooperar entre si: conhecimento, técnicas de produção, divisão de trabalho e mão de obra. A formação das Cooperativas ainda contou com apoio de financiamento de dinheiro público e extrema mobilização da classe empresarial para investir em regiões que ofereciam condições favoráveis para a competição no mercado mundial. As Cooperativas foram, neste contexto, as grandes responsáveis por organizar a “união fundamental” destinada à ampliação do capital regional. Com isso, tornava-se praticamente inevitável o objetivo proposto: concentrar a produção e agregar valor aos produtos agropecuários.

### 1.3 “VANTAGENS”

Como observou Carvalhal<sup>14</sup>, dentre os fatores decisivos para o desenvolvimento da atividade industrial em determinadas localidades estão: a oferta de mão de obra barata e não sindicalizada, de matéria prima e de infraestrutura. Segundo o jornal “O Presente”, a cidade de Marechal Cândido Rondon oferecia todas estas vantagens, como pode ser observado neste trecho de uma reportagem veiculada pelo jornal:

Nenhuma região do Brasil oferece tantas vantagens como os municípios do Oeste do Paraná para a instalação de agroindústrias. *Temos mão de obra barata e de boa qualidade, temos infraestrutura completa*, inclusive possibilidade para, em breve, oferecer transporte fluvial e ferroviário e temos o principal, que é *matéria prima em abundância*.<sup>15</sup> Grifo nosso

Nesta matéria de 8 de maio de 2001, “O Presente” divulgou a potencialidade do município em instalar os empreendimentos industriais. O jornal atentou para o fato de que a região era promissora por oferecer para as indústrias uma oferta considerável de matéria prima provinda das pequenas propriedades rurais para o fortalecimento da agricultura e, em consequência, da indústria. A disposição de “mão de obra barata e de qualidade” completou o

---

<sup>13</sup>COSTA, Gilvana. “O ‘desenvolvimento’ dos Arranjos Produtivos Locais (APRL’s) na região Oeste do Paraná”. **In: Anais Eletrônicos: VIII Semana Acadêmica de História: História e revoluções no mundo contemporâneo**. Marechal Cândido Rondon-PR: 2011, p. 2

<sup>14</sup>CARVALHAL, M.D.. “O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital”. **In Revista Pegada**. N.1, v. 18, Presente Prudente: UNESP, 2007; p. 78-79.

<sup>15</sup>O PRESENTE. “União fundamental”. 08 de Maio de 2001, p. 02.

“pacote infraestrutural” oferecido aos empresários para atuação de futuras indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR.

O jornal “O Presente” indicou, sobretudo, a potencialidade dos trabalhadores de Marechal Cândido Rondon-PR em serem explorados pelas empresas. No entanto, a exploração dos trabalhadores foi dissimulada, a partir da expectativa de que todos ganham com a instalação das indústrias, através de uma suposta “união cooperativa”, “o bem maior da humanidade”.

É possível perceber, ante as matérias do jornal, a construção histórica da imagem industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. O jornal “O Presente” organizou, indicou e interferiu em assuntos referentes à atividade industrial na região do extremo Oeste do Paraná. Sob essa expectativa, o projeto defendido pelo jornal atuou em função de organizar a classe dominante com vistas à reprodução de expectativas maiores de acumulação de capital, forjando possibilidades de partilha dos “ganhos” da atividade industrial.

Em Marechal Cândido Rondon-PR, o planejamento e a oficialização da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL foram garantidos por anos de dedicação do jornal. “O Presente” produziu inúmeras reportagens em função de divulgar os “benefícios” de uma cidade industrial para a população e acompanhou o andar das atividades desde as especulações referente a aprovação do projeto até sua conclusão em 2005. Com isso, além de divulgar imagens e significados positivos da atividade industrial, o jornal foi responsável por pressionar o poder público em função do apoio ao projeto avícola:

*Para isto, o prefeito precisa abrir mão de investir em vários projetos menores, cujas conseqüências políticas certamente incomodam o prefeito. Acontece que, perder o projeto Avícola COPAGRIL não será fácil de explicar para a comunidade rondonense, por mais que ela possa entender que o projeto tem um custo elevado.*<sup>16</sup> Grifos nossos

Nesta matéria de 13 de março de 2002, “O Presente” explicita a “opção difícil” que o prefeito Edson Wasen teve que fazer que, segundo o periódico, foi “uma das mais importantes decisões dos últimos anos”. Destacando o complexo Avícola como fundamental para “alavancar” a economia do município, “O Presente” atribuiu a responsabilidade da efetivação da aprovação do projeto ao “prefeito e seus aliados”. Coube, então, ao atual prefeito de Marechal Cândido Rondon-PR em 2002, Edson Wasen, decidir se o projeto merecia ou não “o esforço e até o sacrifício do município” para sua implantação. Atentar para isso seria

---

<sup>16</sup>O PRESENTE. “Opção difícil”. 13 de Março de 2002, p. 02.

importante, haja vista que o município passava por índices de endividamento bastante elevado. Por outro lado, existiam municípios, tais como Santa Helena-PR, Entre Rios-PR e Pato Bragado-PR, que apoiavam a implantação do projeto em Marechal Cândido Rondon-PR. Dentre os prós e os contras, “O Presente” dedicou atenção especial ao não esquecimento da possibilidade de implantar o projeto avícola.

Diante disso, é importante destacar que “O Presente” direcionou, a partir das reportagens, a expectativa de ampliar as possibilidades de exploração industrial neste município. A notícia positiva resultou em sucessivo planejamento das propagandas em função de pressionar a imediata construção desse projeto industrial. O município, segundo “O Presente”, continuava “seguindo a vocação”, de modo que possibilitasse pensar a projeção da atividade industrial recente como algo natural, praticamente guardado para o “destino” da “comunidade” de Marechal Cândido Rondon-PR.

#### 1.4 - “SEGUINDO A VOCAÇÃO”

Aparentemente o “destino” próspero da atividade industrial era praticamente certo. Aprovar os projetos industriais era a oportunidade de Marechal Cândido Rondon-PR seguir adiante rumo ao “desenvolvimento regional”. Os sentidos da industrialização, divulgados por “O Presente”, ia de encontro, naquele momento, à regra pragmática que previa agregar valores aos produtos agropecuários e, por consequência, dividir os resultados alcançados. A articulação dos setores dominantes demonstrava com clareza os objetivos traçados há pelo menos três anos atrás. Os projetos industriais pautados no “crescimento” da atividade industrial forjaram a necessidade de agregar valores aos produtos primários em função de “mudanças de prioridades”. Diante disto, nasceu a justificativa da classe dominante divulgar a “mudança” de prioridade na economia local.

Sem crescimento industrial e com quedas sucessivas nos preços dos produtos primários, as receitas dos municípios e das empresas e, principalmente dos produtores, também estão em queda [...] produzir riquezas é produzir valores.<sup>17</sup>

Aos empresários renderia maior lucro, pois o investimento na atividade industrial agregaria valor aos produtos. Do outro lado, os trabalhadores seriam contemplados com a possibilidade de se empregar. Este foi o discurso divulgado e propagado para que os empreendimentos industriais recebessem apoio da “população”.

---

<sup>17</sup> O PRESENTE. “Produzindo Riquezas”. 27 de Abril de 2002, p. 02.

A Unidade Industrial de Aves COPAGRIL foi um projeto caro para o município, mas requereu “sacrifício da população”, pois seria vantajoso devido à geração de empregos. O jornal “O Presente”, muito mais otimista em relação ao projeto do que na matéria divulgada a exatamente um mês atrás, aponta as “vantagens” da aprovação do projeto avícola para Marechal Cândido Rondon-PR. Mais do que não deixar que se esquecesse o processo de oficialização do frigorífico de aves, “O Presente” se posicionou completamente a favor à implantação da Unidade Industrial de aves. Para justificar sua posição, o jornal novamente recorreu à possibilidade de se pensar a constituição deste projeto como algo harmonioso. Ao “seguir sua vocação” industrial, o município não poderia deixar de implantar o “melhor projeto industrial”. A implantação da Unidade Industrial de aves COPAGRIL representou “a força da indústria”, donde a “união é fundamental” para “seguir a vocação” do desenvolvimento municipal em termos de “geração de renda e disposição de empregos”.

*Esse é o verdadeiro sentido da industrialização: agregar valores. No momento em que agrega valores, não agrega somente preço aos produtos vendido, mas divide-se o resultado para muita gente. Por isso é tão importante para o município ter sua economia baseada num processo de industrialização [...] Agora surge a oportunidade da implantação desse projeto pela COPAGRIL. Sabe-se que não vai custar barato, nem para o município, nem para a COPAGRIL. Muitas cooperativas da região implantaram suas indústrias, aumentando significativamente a geração de empregos, impostos e faturamento [...] Nenhuma idéia mais clara e interessante, tanto para as empresas como para os associados pode ser implantada neste momento. Por isso esse é o melhor projeto agroindustrial, caminhando exatamente na direção da vocação industrial do município.<sup>18</sup>*  
Grifos nossos

### 1.5 “A FORÇA DA INDÚSTRIA”

A prefeitura municipal de Marechal Cândido Rondon-PR despendeu cerca de 3,5 milhões para auxiliar os empresários a seguir o então projeto de fortalecimento industrial. A parceria entre empresários e a prefeitura renderia, futuramente, para a população, cerca de 1.500 empregos formais. No entanto, “O Presente” nada anuncia sobre quanto, aproximadamente, o projeto rendeu para os empresários, elevados ao título de “homens de visão” por seguirem suas sugestões.

Todos os investimentos da administração municipal para o incentivo da agroindustrialização estão pautados, principalmente, na *geração de*

---

<sup>18</sup>O PRESENTE. “Seguindo a vocação”. 20 de abril de 2002, p. 02.

*empregos e renda. Entre os projetos que irão estimular a geração de empregos e que é tido como uma das prioridades da administração de Edson e Portinho é a efetivação do complexo Avícola da COPAGRIL. Através do projeto de parceria a prefeitura está repassando à COPAGRIL mais de R\$ 3,5 milhões, o que irá representar a geração de mais de 1,5 mil empregos diretos em Marechal Cândido Rondon.*<sup>19</sup> Grifo nosso

Para os empresários que queriam explorar “mão de obra barata e de qualidade” e “matéria prima em abundância” em Marechal Cândido Rondon-PR, a prefeitura forneceu algumas facilidades públicas, tais como: “terreno em comodato; instalação de energia elétrica e água; pedra e areia para a construção física; aluguel de barracão com período de 12 meses e empréstimo através do Fundo Municipal de Desenvolvimento (FMD), de acordo com a avaliação do projeto”<sup>20</sup>. “O Presente” indicou as facilidades para a introdução das empresas industriais em Marechal Cândido Rondon-PR de modo que prestou um auxílio muito importante aos empresários “desinformados”. Com todos esses benefícios e com “matéria prima e mão de obra barata e de qualidade”, certamente atrairia empresários comprometidos com o “desenvolvimento” de Marechal Cândido Rondon-PR.

A matéria acima detalhou o quanto foi investido na construção da Unidade de Aves COPAGRIL. O prefeito Edson Wasem e vice Valdir Port foram importantes pelo intermédio no processo de conclusão do projeto avícola. Foi uma campanha iniciada, em pelo menos, desde o início desta década e, por fim, celebrada junto aos empresários e “autoridades” de Marechal Cândido Rondon-PR. “Um grande” e importante “passo” para que futuros projetos industriais cooperativistas, a exemplo da Unidade de Aves COPAGRIL se realizassem. Como referência histórica para tal intento, destaca-se a importância da Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL, fundada em 1970, como modelo de “Cooperativa de sucesso”. Entretanto, o “progresso” iniciado por cooperativas mais velhas refletem, segundo o jornal “O Presente”, o desenvolvimento de “excelentes projetos”, a exemplo da Unidade de aves COPAGRIL. O projeto avícola se encaminha para um “Final Feliz”.

## 1.6 “FINAL FELIZ”

*Assim os dirigentes da COPAGRIL anunciaram a oficialização do projeto para a implantação de um complexo avícola em Marechal Cândido Rondon [...] foram hábeis e coerentes os dirigentes da COPAGRIL na condução desse processo, pois conseguiram mobilizar a sociedade rondonense em*

<sup>19</sup> O PRESENTE. “A Força da Indústria”. 09 de abril de 2003, p. 08.

<sup>20</sup> O PRESENTE. “Incentivos”. 09 de abril de 2003, p. 08. Os “benefícios” concedidos aos “empreendedores” acompanha a matéria que divulga o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon-PR à implantação da Unidade Industrial de Aves neste município.

*torno de um projeto de grande repercussão econômica [...] O processo de industrialização pode se tornar num grande impulso do desenvolvimento do município de Marechal Cândido Rondon. Por isso, os olhos dos rondonenses estavam voltados para a COPAGRIL, tanto para apoiar como para oferecer apoio aos novos dirigentes que aceitaram o desafio da industrialização.*<sup>21</sup>  
Grifos nossos

Assim a implantação do projeto industrial, diagnosticado como solução para os problemas de Marechal Cândido Rondon-PR, chega ao “Final Feliz”. Um desfecho que custou inúmeras matérias de “O Presente” em função de esclarecer as “vantagens” da atividade industrial para a “população” rondonense.

No amanhecer do dia 28 de abril de 2003 é anunciado o fim das negociações do projeto avícola. Estavam presentes no ato da oficialização do projeto industrial o diretor-presidente da Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL Ricardo Chapla, que confirmou a escolha depois de ter ouvido 24 municípios se manifestarem a favor da implantação do projeto avícola em Marechal Cândido Rondon-PR. “Foi uma escolha democrática”, anuncia o prefeito ao destacar o processo de escolha do município sede do “grande empreendimento”. Foram obedecidos vários critérios para realização dos projetos, dentre eles a consideração da opinião dos empresários de outros municípios e “a viabilidade técnica e financeira”. Entretanto, em 2000 “O Presente”, como se observou anteriormente, já divulgava a capacidade do município em gerar mão de obra barata e viabilizar matéria prima favorável para a atividade industrial. Considerando o parâmetro de escolha para oficializar a construção da Unidade Industrial de aves COPAGRIL, a mão de obra barata projetada para baixo os custos de produção e a matéria prima completa a “a viabilidade técnica e financeira” oferecida e intermediada pelas “autoridades” de Marechal Cândido Rondon-PR.

Foram hábeis os dirigentes neste processo, pois conseguiram mobilizar a “população rondonense” para a conclusão do projeto. No entanto, “O Presente” esqueceu de se creditar com a “conquista”. Parte importante da “necessidade” de fomentar a atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR foi divulgada de acordo com as insistentes propagandas pro atividade industrial construída durante, pelo menos, uma década neste município.

A atividade industrial cujo “crescimento é inevitável” e “segue a vocação” rumo ao “progresso”, harmonicamente, desconsiderou outras percepções. A defesa dos projetos de reprodução do capital, apresentada pelo jornal, destacou a naturalização do desenvolvimento das contradições sociais a partir do desenvolvimento da atividade industrial. No entanto, o jornal “O Presente” posicionou-se como se representasse, de fato, os interesses da população.

---

<sup>21</sup> O PRESENTE. “Final Feliz”. 25 de abril de 2002, p.02.

Segundo o jornal, a cooperação é “o bem maior da humanidade” e caracteriza as cooperativas industriais constituindo o elo que liga a indústria e a sociedade para o “crescimento contínuo”.

O cooperativismo é, realmente, o maior bem da humanidade, porque você coopera com o próximo e este coopera com outro, *e assim por diante, criando-se uma rede que cresce, se desenvolve e envolve toda a sociedade.* Sem cooperação não há crescimento, e, conseqüente, nada se desenvolve. *Por isso cooperativismo é sinônimo de prosperidade.*<sup>22</sup> Grifo nosso

O conjunto das matérias propagadas expressou a defesa dos projetos da classe dominante. O jornal “O Presente” auxiliou a forjar supostas vantagens sociais da industrialização. É possível inferir, entretanto, que o significado “cooperativista” propagado socialmente pelo jornal, organizou o empresariado e mobilizou trabalhadores em busca de emprego. O editorial publicado em 03 de julho de 2004 anuncia a “necessidade de cooperação” para o “progresso” de Marechal Cândido Rondon-PR. O desenvolvimento alcançado a partir da repercussão social do jornal projeta a possibilidade de pensar que todos ganham com o fortalecimento industrial. Pensa-se, portanto, que a imagem positiva da atividade industrial incentivou inúmeros trabalhadores a participar da suposta “prosperidade” industrial anunciado por “O Presente”.

### 1.7 – “TINHA MUITAS PROPAGANDAS!”

À medida que atividade industrial crescia o jornal continuou sua campanha em favor do setor agro-industrial. As matérias destacavam os recordes de produção, o crescimento da atividade industrial e a disposição de empregos relativos ao avanço da industrialização na região Oeste do Paraná. Elevadas cifras de produtividade grifadas em negrito, fotos de saborosos produtos industrializados e modelos fotográficos sorridentes vestidos de operários acompanhavam algumas dessas matérias. Tudo isto indicava, aparentemente, a prosperidade conquistada a partir da atuação das empresas alimentícias nos últimos dez anos em Marechal Cândido Rondon-PR. O jornal “O Presente”, durante pelo menos uma década, foi um dos responsáveis pela divulgação das chamadas “*conquistas municipais*” materializadas na implantação de uma política local de incentivo à atividade industrial.

A expectativa de ampliação do capital na região do Extremo Oeste do Paraná, a partir dos projetos industriais, fundamentou as propagandas prol atividade industrial entre os anos

---

<sup>22</sup>O PRESENTE. “Cooperativismo: sinônimo de progresso”. 03 de Julho de 2004, p. 2.

2000 e 2005 em Marechal Cândido Rondon-PR. Para além de intermediar os interesses da classe dominante, o jornal “O Presente” produziu significados que induziram a compreensão de que todos ganham com o fortalecimento industrial. A disposição de empregos nos setores industriais era e ainda é divulgado como produto de um suposto desenvolvimento regional. A possibilidade de se empregar facilmente em um lugar “bom de emprego”, ou de se “crescer” em uma empresa que está começando, chamou a atenção de trabalhadores como Ana Maria:

Então, resolvi entrar no frigorífico porque tinha muitas... muitas tipo... propaganda... falado e aí eu fiz a ficha lá e entrei logo né...[...] As propagandas eram... que o frigorífico ia começar e iam chamar muitas pessoas para trabalhar no começo tem mais tudo... tem mais opção pra você escolher na área né..? E eu fui... foi com esse pensamento né..? E foi que me levou até... eu ir lá... né? E, logo na entrada foi difícil na... porque eu trabalhava de noite né..? Tinha esposo né... deixava em casa e não concordava muito né... e foi... enfrentei e fui (risos)<sup>23</sup>

Ana Maria discorreu, na “fala” supracitada, sobre sua admissão na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. A trabalhadora atenta sobre as propagandas divulgadas referentes aos empregos oferecidos depois da inauguração do frigorífico em janeiro de 2005. As propagandas de emprego foram entendidas por Ana como oportunidade de “crescer” profissionalmente em um município “bom de emprego”. Isto é consonante com o que era anunciado pelo jornal “O Presente” no início da década de 2000. Uma das expectativas geradas pela imprensa, naqueles anos, redundava na potencialidade do município em fornecer mão de obra barata para as indústrias. A expectativa gerada a partir da imagem criada da atividade industrial mobilizou trabalhadores na busca por trabalho. Esse movimento contribuiu para a formação de uma numerosa classe trabalhadora industrial. Para oferecer “mão de obra barata e de qualidade” foi necessário constituir um verdadeiro “estoque” de trabalhadores, de modo que possibilitasse regular o salário pago pela indústria. O crescimento da população urbana indicou a ascensão deste movimento. Segundo dados do último censo demográfico feito em Marechal Cândido Rondon-PR, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pode-se perceber a evolução da população urbana entre os anos 2000 e 2010.

---

<sup>23</sup>Ana Maria, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 11 de fevereiro de 2011.



**Tabela 1: Relação entre a população urbana e rural em Marechal Cândido Rondon-PR entre os anos 2000 e 2010:**

2000				2010			
População Total: 41.007				População Total: 46.819			
Rural	%	Urbano	%	Rural	%	Urbano	%
9.760	23,8%	31.247	76,2%	7.672	16,4%	39.147	83,6%

FONTE: IBGE, 2010. Organização do autor.

Nota-se um aumento de 7.900 habitantes na população urbana entre os anos 2000 e 2010. No entanto, a diferença entre a população rural nos dez anos avaliados não ultrapassa 2.100 habitantes. É possível inferir, de acordo com os dados disponibilizados pelo IBGE, que o aumento da população urbana superou em mais de 5.000 habitantes a redução da população rural. Isto é, a maior fatia do crescimento populacional, desconsiderando a taxa de natalidade e mortalidade tanto no campo quanto na cidade entre os anos que compreendem 2000 a 2010, é resultado das migrações para Marechal Cândido Rondon-PR.

Pode-se perceber, a partir da trajetória de vida dos trabalhadores envolvidos neste processo, forte demanda de jovens trabalhadores aos empregos oferecidos pela atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalhadores de Tupãssi-PR, Santa Helena-PR, Entre Rios-PR, Toledo-PR, Céu Azul-PR, Cascavel-PR e até mesmo de outros Estados brasileiros. Parte expressiva da classe operária de Marechal Cândido Rondon-PR deslocou-se para este município em busca dos “empregos fáceis” divulgados pelos setores dominantes desta cidade:

Daí eu vim pra Marechal... porque eu fiquei sabendo que aqui tinha bastante emprego... eu vim pra trabalhar na FAVILLE, vim num dia fiz a ficha aqui e fui embora no mesmo dia! E... daí eles me chamaram pra vir pra cá, pra trabalhá. Daí eu vim pra trabalhar e fiquei dez dias na FAVILLE, não gostei do lugar do ambiente [...] aí depois eu entrei no frigorífico [COPAGRIL] aqui... logo que abriu ele eu entrei, porque eu pensei tipo... é uma oportunidade melhor né? Eu tinha experiência, o frigorífico tava começando, então eu entrei mesmo assim pra ensinar os... o serviço como que tinha que fazê... só que assim eles não... tipo assim eles não valorizam o teu serviço... você só trabalhava, trabalhava...<sup>24</sup>

Luíza viveu em uma cidade localizada na Micro Região de Toledo-PR chamada Tupãssi-PR. Desde muito jovem, a filha de trabalhadores, aprendeu com sua mãe os sentidos do trabalho duro para a sobrevivência de quem tem muito pouco. A moça veio para Marechal Cândido Rondon-PR em 2004 porque ficou sabendo que a cidade oferecia bastante

<sup>24</sup>Luíza, 31 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 20 de Novembro de 2009.

“oportunidade de empregos”. Assim como Ana Maria, Luíza apostou em vir para Marechal Cândido Rondon-PR para encontrar rapidamente um emprego e logo começou a trabalhar. A primeira experiência de trabalho de Luíza foi na fábrica de biscoitos FAVILLE, onde trabalhou 15 dias antes de pedir demissão. A jovem não se adaptou ao ambiente quente, à alimentação e ao ritmo de trabalho imposto. Em 2005, depois de passar um breve intervalo trabalhando como representante comercial, Luíza decidiu apostar nas propagandas que apontavam a Unidade Industrial de Aves COPAGRIL como uma oportunidade de “crescimento” profissional. Sua expectativa se ancorava na experiência adquirida nos tempos em que trabalhou no frigorífico de aves da SADIA de Toledo-PR. Acreditava que a Copagrill iria valorizar esta experiência e oferecer um futuro promissor no setor. No entanto, Luíza parece não ter encontrado o futuro “próspero” prometido a partir do “crescimento” profissional em uma indústria que “estava começando”.

Como Luíza, Ricardo começou a trabalhar na indústria de Marechal Cândido Rondon-PR assim que Unidade Industrial de Aves COPAGRIL entrou em funcionamento. Ricardo nasceu e cresceu no interior de Raul Gonzales-RS, cidade do interior do Rio Grande do Sul, e também veio para Marechal Cândido Rondon-PR em busca por emprego:

Foi em dois mil e dois que eu vim pra Rondon. Aí cheguei aqui conhecendo pouca gente né..? Eu conhecia aqui o que..? Tinha tias, tios que moravam aqui. Na visão do Rio Grande do Sul que nós tinha era que aqui em Rondon é um lugar muito industrializado, tem muitas indústrias, até porque lá tem pouco né..? Na região onde meus pais moram. [...] A minha entrada foi... Eu na verdade fala em COPAGRIL eu não queria entrar né? Porque pensava na indústria... não sei... Aí o pessoal falou que hoje é melhor começar numa indústria que está iniciando né...? Daí fiz uma ficha tudo, daí fui chamado tudo.<sup>25</sup>

Segundo Ricardo, havia em sua cidade, também, forte divulgação dos empregos gerados em Marechal Cândido Rondon-PR, especialmente depois dos anos 2000. Ricardo chegou a Marechal Cândido Rondon-PR em 2002 e desde sua vinda trabalhou em algumas empresas até ser admitido pela Unidade de Aves COPAGRIL, no início de 2005. A trajetória de vida de Ricardo revela que no Rio Grande do Sul havia forte repercussão dos empregos gerados pela atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Segundo Ricardo, Marechal Cândido Rondon-PR era conhecido em Raul Gonzales-RS como um “lugar muito industrializado”, onde seria fácil encontrar emprego, devido ao desenvolvimento da atividade industrial recente. No entanto, quando chegou a Marechal Cândido Rondon-PR, Ricardo não

---

<sup>25</sup>Ricardo, 26 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 10 de fevereiro de 2011.

cogitou a possibilidade de trabalhar na indústria, mesmo porque já havia tido uma experiência negativa com o trabalho industrial em Raul Gonzales-RS. Ser admitido pela Unidade de Aves COPAGRIL, significava para Ricardo retornar para uma condição inicial não planejada. É certo, entretanto, que, mais tarde, o emprego oferecido pela Unidade Industrial de Aves COPAGRIL tenha sido entendido por Ricardo como “oportunidade” de prosperar juntamente com a empresa. Contudo, é possível inferir que este “crescimento” individual é alcançado a partir da exploração de inúmeros outros trabalhadores. A expectativa de “crescimento” profissional, propagada pelo jornal “O Presente” e assimilada pelos trabalhadores como alternativa de solução para sua condição, foi logo percebida pelo conjunto dos operários como objetivos, muitas vezes, inalcançáveis:

Então, tenho parentes que moram aqui! Tenho primo, tenho prima, tenho tios e né..? Aí meu primo trabalha na FRIMESA daí ele falou “aqui é melhor trabalhar” né..? Tem mais serviço, aí eu vim. [você] vem pensando que é uma coisa lá é outra, a gente vai por um bom salário... você vai pra fazer isso e fazer aquilo, quando você chega lá é diferente! Eles querem desossar você em vez do frango...<sup>26</sup>

Fernanda trabalhou 45 dias na Unidade Industrial de Aves da COPAGRIL e também foi incentivada por propagandas que divulgavam com positividade o emprego na indústria. É importante perceber que tanto Fernanda como Ricardo tinham familiares que influenciaram suas decisões em aceitar os empregos oferecidos pela indústria. Com a expectativa de vir para Marechal Cândido Rondon-PR e logo encontrar emprego, Fernanda alcançou parte de seu objetivo. Mas, esta trabalhadora logo percebeu que esse trabalho nasceu com um objetivo já definido. O objetivo da instalação das indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR foi construído a partir da oportunidade de explorar um novo perfil de trabalhador, formado em pelo menos duas décadas de trabalho industrial.

Ao se cruzar os discursos elaborados e veiculados pelo jornal “O Presente” com os depoimentos dos trabalhadores, foi possível perceber a repercussão social da imagem positiva da indústria por ele criada. A exaltação dos projetos industriais, a geração de empregos e uma suposta partilha dos resultados alcançados a partir da atividade industrial, mobilizaram trabalhadores em busca da recompensa do “trabalho dignificante”. No entanto, esses trabalhadores encontraram uma vida condicionada por um ritmo de trabalho intensificado e produtivista. É sobre este tema que aprofunda-se o próximo capítulo.

---

<sup>26</sup>Fernanda, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 11 de fevereiro de 2011.

## CAPÍTULO 2

### Produtividade e Intensificação do trabalho

É notável a ascensão da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR entre os anos que compreendem 2005 e 2010. Os relatórios anuais das cooperativas industriais demonstram o quão lucrativo é se tornar associado e, por conseguinte, participar dos resultados das empresas. Parece não haver limites para ao “ímpeto” produtivo da atividade industrial. No entanto, a medida que o índice de produtividade se elevou, o número de empregos gerados foi reduzindo gradativamente. Isto redundou, sobretudo, na intensificação do ritmo da produção. O limite a ser alcançado pela produção pareceu extrapolar as condições físicas dos trabalhadores envolvidos no processo de fortalecimento industrial. “Acidentes” com as ferramentas de trabalho, esgotamento físico e limitação de se viver em sociedade foram as implicações sentidas pelos trabalhadores num processo ascendente de precarização e intensificação recente no mundo do trabalho<sup>27</sup>. Os últimos cinco anos apresentam elevados números que representam a evolução da produção nas indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR.

Neste segundo capítulo, buscaremos discutir e analisar de que forma os trabalhadores da indústria viveram estes processos de aumento da produtividade e redução do número de vagas.

#### 2.1- “PRODUZIR, PRODUZIR, PRODUZIR...”

A partir das entrevistas e conversas com os trabalhadores do setor, notou-se que nestes últimos cinco anos o processo de industrialização caminhou *pari passo* com a intensificação do trabalho. Toma-se um exemplo. Dados divulgados pela unidade industrial de aves da COPAGRIL indicaram que a empresa, no prazo de cinco anos, quase que duplicou sua produção. Em 2005, ela era responsável pelo abate de 85 mil frangos por dia e, atualmente, o frigorífico abate 160 mil frangos diários<sup>28</sup>. Este crescimento da produção não era celebrado ou comemorado pelos trabalhadores da linha de produção. Sua percepção deste crescimento era bem diferente, como pode ser observado nesta descrição feita por André:

---

<sup>27</sup> BOSI, Antonio P.. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente: Ensaio sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000)**. 1ª Ed. – Cascavel: Edunioeste, 2011.

<sup>28</sup> <http://www.copagrill.com.br/unidades/uia.html>. Acessado em 28 de junho de 2011.

[...] O frango esta passando, se ele passar o... se ele passasse a vez dele, porque era por cor, cada pessoa pegava uma cor, se a tua passar lá na frente o chefe vê, ele já vinha e te xingava. Te incomodava pra caramba, até te levava para a salinha e dava gancho que eles falavam lá, era uma punição para a pessoa entendeu? Mas era cansativo com certeza. O pessoal não via hora de dar o intervalo para sair um pouco, para descansar, ou para ir almoçar, na hora da refeição. E a hora de ir embora. A hora de ir embora parecia uma alegria, parecia que estavam indo numa festa. O pessoal sai exausto de lá, imagine. Porque você ficar oito horas lá, no mesmo... Que nem eu falei, o pessoal da mesa não tinha outro jeito, você podia movimentar só o corpo e ficava só de pé. Então a realidade era aquela lá, você não tinha como...<sup>29</sup>

A descrição apresentada acima indica o significado concreto do aumento da produtividade para o trabalhador. Em outros termos, a aceleração do ritmo implicou no aumento dos movimentos, atenção redobrada, redução da liberdade de movimentos do corpo e vigilância constante.

Ao identificar as relações de trabalho altamente intensificada dos operários pôde-se perceber transformações técnicas nas empresas alimentícias nestes últimos anos. É possível verificar, entretanto, uma intensificação do trabalho ocorrido nos setores onde predominam o trabalho manual. O ritmo de trabalho mais rápido é, em grande medida, controlado por setores das fábricas onde foi feita a instalação de máquinas para auxiliar a produção.

O uso da tecnologia avançada no setor da “pendura” do frango na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL, por exemplo, produziu aumento no ritmo de trabalho na linha de desossa da coxa do frango. A introdução de máquinas na “pendura” do frango oportunizou maior produção de carne de frango em menos tempo. Em tempos atrás, nesse setor, a “pendura” dos frangos era realizada manualmente. Esse trabalho atualmente é realizado pelas máquinas. No entanto, as máquinas penduram frangos entre 1.8 Kg à 3 Kg. A “pendura” dos frangos que ficam fora dessa média é realizada pelo trabalho manual.<sup>30</sup> As implicações da combinação do trabalho manual com o trabalho desenvolvido pelas máquinas são evidentes. Para o setor de “pendura” do frango, a introdução da máquina para auxiliar o trabalho gerou intensificação no trabalho para os operários responsáveis pela pendura, pois precisavam acompanhar o ritmo das máquinas, e para os operários responsáveis pela desossa da coxa.

A “pendura” realizada pelas máquinas correspondeu proporcionalmente à produção de mais coxas sendo enviadas para a sala de desossa em menos tempo. O trabalho de desossa da

---

<sup>29</sup> André, 25 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20 de março de 2011.

<sup>30</sup> Ricardo, 26 anos, Estas informações foram extraídas de um trabalhador responsável pelo PCP (Planejamento e Controle de Produção) em entrevista concedida em 10 de Fevereiro de 2011.

coxa é realizado manualmente pelos trabalhadores do setor de cortes. Por este trabalho ser executado com facas, não é incomum, devido ao ritmo da produção, acontecer cortes com estes instrumentos de trabalho.

Nós estávamos de um lado da linha, ele estava lá no “DIF” cortando, foi brincar com a gente e acabou se cortando. Outro tem... Isso daí tem bastante no controle de qualidade, eles tiram foto e tudo. A menina estava coçando o seio com a faca e não sentiu, cortou. Cortou o térmico, o agasalho que fica em baixo, o moletom e o sutiã. Deu um talho no peito. O outro estava coçando a nuca. Estava coçando, coçando a nuca e foi, deu um talho. Um pouco dos acidentes é... Sabe, são coisas bobas. O outro parece que estava coçando o nariz, tem uma foto lá. Metade do nariz foi pra fora com a faca. Agora pensa a cabeça das pessoas de se coçar com uma faca, e são chairada sabe, são afiadas. Se eu pudesse eu trazia as fotos, no controle de qualidade tem muitas fotos de acidentes. São acidentes bobos.<sup>31</sup>

Embora o relato da trabalhadora individualize o problema do ritmo intensificado na produção dizendo serem “acidentes bobos”, ela identificou a frequência dos acidentes com as facas no ambiente de trabalho. Ao realizar os movimentos para se coçar o trabalhador acaba se ferindo com a faca no pescoço, nas costas, no nariz, enfim, em várias partes do corpo. Este exemplo, citado por um trabalhador. Reflete, minimamente, a intensidade do ritmo produtivo dos frigoríficos em Marechal Cândido Rondon-PR. Mais do que isto, confirma as implicações deste ritmo alucinante. A intensidade deste trabalho foi um dos responsáveis pelos constantes desligamentos ocorridos, especialmente, neste setor. Trata-se de compreender, através do relato da trabalhadora, a brutalidade desse ritmo de produção. O desenvolvimento técnico em alguns setores piorou o trabalho dos trabalhadores em vez de facilitá-lo. Isto é, a técnica não foi utilizada para suavizar o trabalho dos trabalhadores, pelo contrário, ela é utilizada para controlar todos os momentos “improdutivos”:

Eu imaginava como se fosse... um trabalho assim normal... tipo assim... você pode ir no banheiro a hora que você quer, você pode sair um pouquinho pra respirar um pouquinho e lá tipo assim... você tem hora... você tem hora pra entrar, você não tem hora pra sair... [...] Muitos colegas reclamavam dos seus líderes, dos seus chefes... porque as vezes você queria ir no banheiro... tipo não podia porque você tá ali na linha... então quem que vai ficar no seu lugar né... eu não vi mas muitos falaram... muitos falavam que já chegou gente que

---

<sup>31</sup>Aline, 27 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 06 de fevereiro de 2011

já... que tipo faziam xixi em sala porque seus líderes não deixavam... nunca vi né... mais diz que acontecia né.. ?<sup>32</sup>

Neste trecho a trabalhadora identifica, também, uma relação de trabalho intensificada da indústria. As implicações da intensificação foram compartilhadas pelos trabalhadores. Essa relação de trabalho no interior das fábricas gerou, sobretudo, uma tensão muito grande entre os chefes e os trabalhadores da linha de produção.

A condição intensificada do trabalho industrial priorizou, nesses últimos cinco anos, exclusivamente a produção. A tendência dessa estrutura produtiva é capitalizar todo o tempo disponível do trabalhador, até mesmo aqueles essenciais para seu bem estar fisiológico. Ao contrário do que se entende como “desenvolvimento” pelos setores da classe dominante da cidade, a intensificação do trabalho vem esgotando a capacidade física dos trabalhadores ao superexplorar a força de trabalho em função dos recordes de produtividade e extração de lucros altíssimos.

As implicações da intensificação do trabalho nas fábricas teve reflexo decisivo na condução da vida dos trabalhadores em Marechal Cândido Rondon-PR. O desgaste físico desta atividade afetou a participação social de diversos trabalhadores. Este modo de se “ganhar a vida” determinou a existência de inúmeros trabalhadores subordinados ao processo de industrialização.

[...] foi bastante complicado porque assim o turno que eu trabalhava começava cinco horas da manhã, era das 05:00 às 15:30, só que... eu tinha que levantar às 03:00 porque tinha pegar o ônibus às 04:00, então eu saía da universidade às 23:00, 22:30, 23:00 chegava em casa, e ia dormir, acordava às 03:00 pra pegar o ônibus das 04:00 e às 05:00 começava a trabalhar, e era uma carga pesada, porque trabalhava na linha de produção mesmo, lá cortando frango, pesando, então você não tinha uma posição fixa, porque na própria carteira de trabalho vai lá auxiliar de produção, então ali você fica pulando, dependendo de como eles precisam aonde eles precisam que você trabalhe. Então assim eu entrava às 05:00 da manhã, tinha intervalo às 06:30, 07:00, tinha intervalinho, fazia umas ginásticas e tal, hã, depois você voltava trabalhava mais três horas e ia pro almoço, almoçava, aí voltava pra... 13:30 tinha mais um intervalinho de cinco minutos e depois voltava a trabalhar até às 15:30. Então assim, esse intervalo que você tinha não era um intervalo cumprido, então não tinha como você estuda nem nada, nem no horário do almoço se você pagasse um livro, você era proibido, subi, depois que você se trocasse e viesse, não podia levar nem um tipo de material estranho que eles chamavam, lá pro refeitório ou pra...pro interior ali da fábrica, depois do vestiário, então aquele tempo que você tinha praticamente livre, você tentava descansar o máximo né? Deitava, tinha as cadeirinhas que você

---

<sup>32</sup> Ana Maria, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 11 de fevereiro de 2011.

descansava e tal, e aí você sentava... aí você tentava descansar o máximo, mas era complicado, porque eu saía às 15:30, e depois das 15:30 eu tinha que ler o texto pra aula, então eu ficava das 15:30 até às 18:00 horas lendo os textos, ou eventual textos que tinha pra... pra discutir na aula posterior, ou fazer trabalho e tal, mas assim... eu já presenciei esse um ano e meio que trabalhei na COPAGRIL, professor me perguntando se a aula dele estava chata, por que eu tava dormindo na sala, e às vezes você dorme por forças maiores, seu corpo está cansado, você não tem força nem pra ficar acordado.<sup>33</sup>

De acordo com as atuais condições de vida e trabalho nas relações de produção capitalista é impossível amenizar o cansaço dos trabalhadores. Uma das evidências disto é o número elevado de doenças acometidas no ambiente de trabalho, bem como as implicações sociais herdadas por este extenuante trabalho.

A “fala” acima exemplifica a rotina de vida e trabalho de um estudante universitário que precisou se empregar na indústria para manter os custos com a universidade. É notável como seu ritmo de vida foi totalmente adaptado em função do trabalho na indústria. A vida desse jovem trabalhador foi condicionada por pouco mais de um ano pelo despotismo do trabalho fabril. Durante o tempo em que trabalhou na Unidade de Aves COPAGRIL, sua jornada de trabalho durava nove horas por dia para compensar sua folga no fim de semana. Mas, desde a hora que acordava para o trabalho até o horário que saía gastava treze horas de seu dia em função da preparação e execução do trabalho no frigorífico.

É certo que, através dos sentidos identificados pelos trabalhadores sobre trabalho na indústria, o “desenvolvimento” da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR se firma muito mais em uma racionalização das relações de produção do que efetivamente num desenvolvimento humano. As implicações do modo de viver imprimido aos trabalhadores das indústrias de Marechal Cândido Rondon-PR têm inviabilizado sua participação em sociedade. Nesta lógica, se vive para o trabalho, não o oposto.

Ao analisar as dificuldades do operário viver socialmente, Antônio Bosi se refere ao ritmo de vida resultante da atividade intensificada e precarizada no mundo do trabalho. No caso dos operários, as limitações de vida dentro e fora do trabalho são “despóticas” porque, segundo o autor, restringem a participação efetiva dos trabalhadores com a sociedade.

O descanso é realizado em horário inadequado para aqueles que se ocupam durante a noite ou de madrugada. Estes só podem dormir durante o dia, e

---

<sup>33</sup> João, 23 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 27 de Novembro de 2009.



isso é feito a duras penas, pois implica descansar durante o tempo em que a maioria das pessoas está desperta. Come-se fora do horário. Tudo isso afeta o metabolismo gástrico, reduz a capacidade de recuperação do desgaste físico e mental, e trás dificuldades adicionais no relacionamento familiar e pessoal. A organização da vida privada torna-se quase que impraticável, o que chega a comprometer atividades sociais.<sup>34</sup>

As reflexões de Antônio Bosi apontam para as implicações sociais do trabalho aos operários que trabalham durante a noite. Na FRIMESA, os trabalhadores trabalham cinco dias na semana e folgam um. Esta escala de serviços prejudica a organização social destes trabalhadores, porque o dia de sua folga é marcado de cinco em cinco dias de trabalho, folgando um dia a cada cinco trabalhados. Em uma semana a folga cai na quinta-feira, na outra na quarta, na outra na terça e assim sequencialmente até atingir 45 dias trabalhados para usufruir um dia no fim de semana:

A parte da indústria toda... trabalha em escala de folgas. Desde a recepção do leite, produção do queijo lá... manteiga, leite UHT, leite condensado, creme de leite... *trabalham cinco dias e folga um. Pra nunca parar né? Pra sempre terem os funcionários lá e produzir.* Daí agente sempre brinca né? Que vaca nunca para de dá leite né..? Leite sempre chega e sempre tem que ter gente lá pra manipular [...] você ocupar o teu final de semana quando todo mundo tá em casa, você tá lá trabalhando se desgastando e na segunda-feira onde todo mundo tá trabalhando você tá em casa, você não poder ir visitar seus parentes... no fim de semana que tem bastante opção, piscina, praias artificiais... Você vai fazer o que na segunda feira? Você faz isso porque você tá precisando do dinheiro porque senão...<sup>35</sup> Grifo Nosso

Este ritmo de vida tem influenciado a relação dos trabalhadores com o mundo em que vive. O modo de se viver dentro desta lógica é imposto de maneira que haja certa condição de trabalho preestabelecida para os trabalhadores. Por isso ela é despótica<sup>36</sup>, porque ela já nasce degradada. Surge de uma rejeição sistemática em função dos baixos salários, intensa rotatividade e pouca exigência de qualificação.<sup>37</sup>

A cidade de São José das Palmeiras-PR, cujos trabalhadores se deslocam para trabalhar nas indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR é conhecida entre os trabalhadores como a “cidade que dorme”. Os trabalhadores dormem durante o dia para trabalhar à noite no frigorífico ou vice e versa. Entretanto, a situação geral dos trabalhadores das indústrias neste

---

<sup>34</sup>BOSI, Antonio P.. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente: Ensaios sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000)**. 1ª Ed. – Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 111

<sup>35</sup>Leandro, 25 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 28 de Novembro de 2009.

<sup>36</sup>*Idem* pág. 110.

<sup>37</sup>VARUSSA, R. J.. “Industrialização, trabalhadores e justiça do trabalho (década de 1990): algumas considerações”. In: **Tempo da Ciência**. Toledo: Edunioeste, 2006, p.145-156.

município tem se assemelhado a situação dos trabalhadores de São José das Palmeiras-PR. A condição estabelecida entre o ritmo de produção e de vida imposta àqueles que trabalham nessas fábricas não se separam. Mesmo porque essas relações compõem um modo de se viver no capitalismo.

A separação vida/trabalho é característica do estilo de vida capitalista, neste caso, porque o trabalho assalariado conduz o modo de se viver dos trabalhadores. Não é incomum identificar nas “falas” dos trabalhadores separação entre vida e trabalho. Na verdade, não há separação alguma. O trabalho intensificado implica diretamente na organização da vida dos trabalhadores. Por outro lado, não há um sentido intrínseco do trabalho para eles. O trabalho não fornece possibilidade de haver conexão qualitativa na organização da vida dos operários. A partir da venda da força de trabalho, o trabalhador garante seu sustento, mas, ao mesmo tempo, imerge numa condição de se viver exterior a ele. O trabalho encontrado pelos operários da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR não são decididas por eles. As condições de trabalho, portanto de vida, não são decididas, são impostas.

## 2.2. EMPREGO E ROTATIVIDADE

É inegável que os números de produtividade alcançados por este setor foram absurdamente altos. Os demonstrativos divulgados em jornais e os relatórios anuais dessas empresas propagam, com demasiada positividade, a intensificação da produção em função de acumulação de capitais.

**Tabela 2: Evolução das atividades da empresa FRIMESA entre os anos 2004-2006**

	Produção de laticinados (mil kig/litro)		
	2004	2005	2006
Leite pasteurizado	63.423	73.054	68.942
Leite longa vida – UHT	80.407	48.816	48.440
Leite Resfriado	32.044	16.835	6.040
Queijos exportação	3.056	4.902	59
Queijos mercado interno	3.025	3.525	4.199
Derivados industrializados	15.611	24.450	31.483
Total	197.565	169.582	159.162
% Evolução	-----	-14.16%	- 6,14%

FONTE: [http://www.frimesa.com.br/br/frimesa\\_relatorios.php](http://www.frimesa.com.br/br/frimesa_relatorios.php) visitado em 04-07-2011. Organização do autor.

**Tabela 3: Relação entre admissões e desligamentos no setor de “tratamento e beneficiamento do leite”, de 2004-2010**

Ano	Adm. Jan/Dez	Desl. Jan/Dez	Saldo
2004	138	51	87
2005	236	127	109
2006	124	126	-2
2007	130	118	12
2008	-----	-----	-----
2009	136	89	47
2010	161	134	27

FONTE: CAGED, 2011. Organização do autor.

A tabela 2 indica os índices de produtividade da Indústria de beneficiamento do leite FRIMESA. A partir dos dados expostos no relatório anual divulgado em 2007, pode-se perceber a evolução da atividade industrial, especialmente nos derivados de leite industrializado.

Conforme revela a tabela 2, entre os anos de 2005 e 2006, a indústria de beneficiamento do leite FRIMESA diminuiu a produção de leite resfriado, mas aumentou significativamente os derivados do leite industrializado. Comparado aos anos 2004 e 2005 é possível identificar grande salto na produção relacionado aos produtos que exigem maiores preparos, como é o caso dos derivados de leite industrializados:

A empresa responsável pela industrialização e comercialização do leite e suínos cresceu 4% no volume de vendas, **atingiu um faturamento de R\$ 489.016.716 milhões, um aumento de R\$ 18,8 milhões.** Em 2005 o passo mais importante da Frimesa para avançar na industrialização de produtos com valor agregado foi a inauguração da fábrica de leite condensado, bem como a instalação da linha para creme do leite, bebida láctea e néctares de frutas, em Marechal Cândido Rondon.<sup>38</sup> Grifo nosso.

Em função dessa alteração, o número de trabalhadores aumentou de 2004 para 2005, mas voltou a cair em 2006, o que, de modo geral, conservou o ritmo de produção de 2005. Isto significa que embora tenha caído o número de empregos formais disponibilizados por este setor, a produção continuou praticamente no mesmo ritmo.

A tabela 3 estabelece um comparativo do quadro de funcionários entre os anos 2004 a 2010 da atividade “Trabalhador de tratamento do leite e fabricação de laticínios”. De acordo com esta tabela, é possível perceber que entre os anos 2005 e 2010 houve intenso fluxo dos trabalhadores nos empregos disponibilizados por esta ocupação.

<sup>38</sup> O PRESENTE, “Frimesa fecha 2005 com balanço positivo”. 18 de fevereiro de 2006, p. 10.

De acordo com a tabela 3, durante o período que compreende os anos 2005 e 2006 (momento atípico da tabela), houve significativo aumento no quadro dos trabalhadores das fábricas de beneficiamento do leite localizada em Marechal Cândido Rondon-PR. O ano de 2005 começou com 236 trabalhadores e terminou com uma redução de mais de 50% dos trabalhadores formais no quadro de empregados neste setor. No entanto, a média das admissões entre os cinco anos é de 132 trabalhadores admitidos anualmente, enquanto a média dos desligamentos, neste mesmo período, foi de 92 trabalhadores desligados ao ano. Ou seja, se estabelecermos um percentual entre as admissões e os desligamentos, identificaremos um índice de 69,7% de desligamentos em relação às admissões dos trabalhadores do ramo de beneficiamento do leite ao ano. Os números indicam que quase 70% dos operários que entram para trabalhar na Indústria de Beneficiamento do Leite FRIMESA não ultrapassam um ano de trabalho. Para boa parte dos operários deste setor, os empregos disponibilizados por esta ocupação são considerados imediatos, de modo que encontrar empregos neste ramo não é tarefa difícil. É preciso destacar, entretanto, que em 2005 entra em funcionamento a Unidade Industrial de Aves COPAGRIL e a competição por força de trabalho aumenta.

**Tabela 4: Evolução das Atividades da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL 2005-2006:**

	2005	2006	Evolução
Trabalhadores	945	1150	21,69%
Abate Diário	85 mil	95 mil	5,88%
Aves Abatidas	7.6 mil ton.	15.3 ton.	101,32%
Total Produzido	16 mil ton.	34.255 ton.	114,09%
Total Exportado	1300 ton.	7300 ton.	500%
	Até Dezembro	Até Novembro	

FONTE: O PRESENTE, Janeiro de 2006. Organizado pelo autor.

**Tabela 5: Relação entre admissões e desligamentos do setor de “abatedouro” de 2008-2010:**

Ano	Adm. Jan/Dez	Desl. Jan/Dez	Saldo
2008	1.341	1.318	23
2009	1.795	1.602	193
2010	1.838	1.711	127

FONTE: CAGED, 2011. Organizado pelo autor.

A tabela 4 faz um comparativo de atividade da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL entre os anos de 2005 a 2006. A tabela revela, especialmente no campo de “aves

abatidas”, um acréscimo de mais de 100% entre o total de aves abatidas até dezembro de 2005 e o total de aves abatidas até novembro de 2006. A diferença entre os dois anos compreende 7.7 milhões de aves a mais entre esse período, o que evidencia uma intensificação de 101,32% no abate de aves em onze meses. Enquanto a produção evoluiu mais de 100%, os empregos evoluíram somente 21,8%. Ao comparar o número de trabalhadores empregados nesta empresa nos anos de 2005/2006 identifica-se a evolução de apenas 205 trabalhadores nos postos de trabalho formal, número que se revela proporcionalmente inferior comparado ao aumento da produção.

Como acontece anualmente, a Copagril realizará amanhã (08) a Assembléia Geral Ordinária de prestação das contas [...] Na avaliação de Chapla, ***o ano foi muito bom para a cooperativa***, tendo em vista que houve um crescimento em todos os negócios e, conseqüentemente no faturamento. “Em faturamento houve um crescimento de 55% em relação ao ano anterior – ***de R\$ 261 milhões em 2006 faturamos quase R\$ 405 milhões em 2007***”<sup>39</sup>  
Grifo nosso

“O ano foi muito bom para a cooperativa” declara o diretor-presidente da Cooperativa Agroindustrial COPAGRIL Ricardo Chapla. A matéria aponta o crescimento dos lucros obtidos entre os anos 2006 e 2007. A reportagem apontou o faturamento milionário que foi alcançado a partir do aumento do ritmo da produção e, por conseguinte, na intensificação do trabalho dos trabalhadores deste setor.

A tabela 5 revela a evolução dos empregos formais nos últimos três anos no ramo de “abatedor”, nomenclatura utilizada para a atividade industrial em que trabalham os operários dos frigoríficos. A tabela demonstra o intenso fluxo de trabalhadores deste ramo. Em 2008, o fluxo de trabalhadores quase atingiu 100% de desligamentos em relação aos postos de trabalho disponíveis. Contudo, o ano de 2008 termina com um saldo positivo de 27 trabalhadores empregados. O ano de 2009 terminou com um quadro de 193 novos empregos e 2010 com um saldo positivo de 127 trabalhadores. Nota-se, conforme os dados fornecidos pela tabela 5, que enquanto foi aumentando o número de admissões, de acordo com a progressão dos anos, também o número de desligamentos aumentou na mesma proporção.

Foi possível identificar, nos demonstrativos acima relacionados, entre as admissões, desligamentos e produtividade uma tendência crescente de intensificação do trabalho no processo de produção das indústrias de alimentos em Marechal Cândido Rondon-PR nos

---

<sup>39</sup> O PRESENTE. “Faturamento da Copagril cresceu 55% em 2007”. 07 de fevereiro de 2008, p. 7.

últimos cinco anos. Os dados revelam, ainda, que a oferta de trabalho não acompanhou a intensificação do ritmo produtivo, o que, em alguma medida, desmistifica os significados positivos construídos prol atividade industrial, especialmente aqueles significados que legitimam esse processo em função da geração de empregos.

Já no final do ano de 2009, o setor industrial de Marechal Cândido Rondon-PR era responsável por aproximadamente 40%<sup>40</sup> dos empregos formais do município. Ao comparar os índices de empregos gerados pelas indústrias em 1996 (13,8%) com 2006 (30,8%)<sup>41</sup> verifica-se um salto significativo de ofertas de trabalho nesta década. O aumento de empregos formais em 2006 ocorreu em especial devido à instalação da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL em 2005. No entanto, entre os anos de 2005 e 2010, o abate de frango duplicou sua produtividade, enquanto que os postos de trabalho não acompanharam o ritmo produtivo. O que significa dizer que o ritmo de produção se intensificou ao ponto de gerar um numeroso operariado rotativo.

É complexo, entretanto, mapear a geração real de empregos das indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR, porque os trabalhadores do setor industrial fazem parte de um intenso rodízio entre admissões e desligamentos. No entanto, é contraditório pensar que boa parte da disposição da força de trabalho industrial, neste município, se origina justamente da negação dele. A maior fatia dos empregos atualmente oferecidos pela indústria alimentícia em Marechal Cândido Rondon-PR é resultado do alto índice de rotatividade ocasionado pela intensidade do trabalho na indústria. A oferta de emprego é relativa, pois o fluxo de trabalhadores nos postos de trabalho conduz, em boa parte, o processo de “geração de empregos”. Esta reflexão permite inferir que boa parte dos empregos divulgados pelas empresas alimentícias, atualmente, são postos de trabalho que já existiam. Grande parte dos operários das indústrias alimentícias são trabalhadores reempregados, o que leva a crer que a indústria em Marechal Cândido Rondon-PR tem relativa liberdade em explorar a força de trabalho local. Ao restar poucas opções de emprego na cidade, o trabalhador tem como expectativa possível, mesmo que forçada, o retorno para o trabalho industrial.

---

<sup>40</sup>GUGLIELMI, Fagner. “A experiência operária: jovens trabalhadores universitários do setor agroindustrial de Marechal Cândido Rondon-PR. In: **Anais eletrônicos: II Simpósio Cultura, trabalho e poder: O ofício do Historiador**, 2010, p. 01.

O Cálculo: a partir dos dados dispostos em [HTTP://perfildomunicipio.caged.gov.br/result-perfil.asp?](http://perfildomunicipio.caged.gov.br/result-perfil.asp?) : foi somado as vagas de empregos ocupadas pelas vinte ocupações que mais se contratou no decorrer do ano de 2010. Verificou-se que no setor de “abatedouro”, “Beneficiamento do leite” e “alimentador de linha de produção”, alcançou o número de 2065 trabalhadores de 5402 das vinte ocupações que mais disponibiliza empregos formais. 2065 representa 38,22% de 5402.

<sup>41</sup>BOSI, A. P.; VARUSSA, R. J.. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná”. In **Relatório Técnico Final**. Fundação Araucária, Fevereiro de 2009, p.03

Segundo o “diretor de pessoas” da empresa de biscoitos FAVILLE, a rotatividade dos trabalhadores acontece por que existe “a intensa oportunidade de emprego que a pessoa tem no município, cada um busca melhorar o trabalho”<sup>42</sup>. O círculo de “oportunidades” de trabalho é reduzido basicamente pela expectativa de retornarem para a atividade industrial. A procura por emprego melhor ou a “busca por melhorar o trabalho” é, infelizmente, a situação de boa parte dos trabalhadores que fazem parte destas relações de trabalho em Marechal Cândido Rondon-PR. Ao afirmar que os trabalhadores buscam melhorar o trabalho, o “diretor de pessoas” confirma que há um grau considerável de rejeição referente ao trabalho na indústria de biscoitos. Preocupada exclusivamente com os recordes de produção, a classe dominante da cidade viu na alta rotatividade um problema em relação à superação dos recordes de produção. As relações intensificadas de produção foi o método encontrado pelos industriais para “conservar” o ritmo de produtividade ascendente. A classe que dirige o processo industrial se apropria exaustivamente da rotatividade de trabalhadores nos setores industriais para divulgar “novas oportunidades” graças ao “desenvolvimento” industrial. Este “desenvolvimento”, entretanto, tem gerado inúmeros trabalhadores insatisfeitos com as condições de vida regidas por esta ocupação. Os efeitos físicos e sociais para os trabalhadores das indústrias de alimentos em Marechal Cândido Rondon-PR vem alimentando sentidos majoritariamente pejorativos em relação aos empregos disponibilizados pela indústria. A dialética trabalho/desemprego, da qual germina boa parte das “oportunidades” de empregos gerados pelo setor alimentício em Marechal Cândido Rondon-PR, tem como síntese o intenso fluxo de trabalhadores deste ramo<sup>43</sup>. Sendo assim, a rotatividade se transforma em um fenômeno favorável a exploração constante de um perfil específico de força de trabalho em função da intensificação do trabalho provocado pelas metas de produtividade das empresas.

No entanto, a situação de vida dos trabalhadores das indústrias alimentícias em Marechal Cândido Rondon-PR vem gerando sentimentos contestadores. A compreensão da “exploração”, do “rebaixamento” e da “subordinação” são sentidos compartilhados entre a classe operária. Os trabalhadores dividem expectativas de futuro relacionadas ao trabalho que se contrapõe as experiências apreendidas a partir do trabalho vivenciado nas fábricas. Esta percepção contribui para aprofundar as contradições entre os significados produzidos no campo da “harmonia capitalista” e as mudanças e sentidos do trabalho identificado pela experiência operária.

---

<sup>42</sup>O PRESENTE. “Empresas enfrentam rotatividade de mão de obra” 11 de março de 2011, p. 10.

<sup>43</sup>A explicação, para tal fenômeno, pode estar associada a falta de expectativa de emprego na cidade, entretanto esta inferência necessita de maior fôlego de investigação.

## Capítulo 3

### O sentido do trabalho e o cotidiano da fábrica

A concentração da produção, a intensificação e exploração do trabalho foram resultados imediatos do fortalecimento industrial. No entanto, isto não passou despercebido pelos trabalhadores. Neste terceiro capítulo, buscar-se-á discutir qual a percepção dos trabalhadores sobre o trabalho na indústria.

Num primeiro momento, pôde-se observar que as experiências vividas e compartilhadas pelos entrevistados confirmaram a centralidade do trabalho na organização de vida de inúmeros trabalhadores. As implicações das mudanças ocorridas, especialmente na atividade industrial, alimentaram a percepção negativa de homens e mulheres descontentes com o trabalho que executam nas fábricas. Os trabalhadores da atividade industrial atribuíram um sentido que contrapõe os significados construídos pela classe dominante, de modo que constituem uma percepção de sua condição de classe a partir da exploração a que são submetidos.

As expectativas de “crescimento” ou de relativa autonomia no trabalho foram logo percebidas, pelos trabalhadores, como falsas promessas. Isto revela, portanto, grandes contradições diante da concepção harmônica de “desenvolvimento industrial” recente em Marechal Cândido Rondon-PR. Alguns termos utilizados para exaltar esse processo, tais como “desenvolvimento”, “progresso”, “crescimento”, são percebidos pelos operários como “exploração”, “rebaixamento”, “subordinação”, etc. Cortar frangos, empilhar caixas de biscoitos ou transformar o leite em derivados industrializados são ocupações que raramente superam o salário mínimo quando se leva em consideração os descontos de alimentação e condução.

André tem 25 anos, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR e passou por várias experiências de emprego nesta cidade. Este trabalhador desde muito jovem participou de idas e vindas com sua família em busca de emprego ou de uma relativa autonomia financeira. No interior de Toledo-PR, Vila Ipiranga, seu pai inaugurou uma pequena oficina mecânica onde a família trabalhava em função do pequeno negócio. Ao fechar a oficina mecânica e, logo em seguida, com a morte de sua mãe, a família se dissolveu. André se deslocou para Marechal Cândido Rondon-PR em constante luta por trabalho e sobrevivência. Trabalhou em indústria de macarrão, indústria de roupas, como pintor, ajudante de lavar carros, ajudante de pedreiro



etc. Todas essas ocupações, que serviram como meio de sobrevivência para André, contrastam contraditoriamente com os valores do trabalho adquiridos na convivência com seu pai, mecânico de automóveis. Diante da sua intensa trajetória de trabalho, em poucos anos, André já havia tido experiência de trabalho em várias ocupações. Quase sempre sua saída dos postos de emprego se relacionava à baixa remuneração e à falta de expectativa com o trabalho que executava. Em 2007, André, mais uma vez em busca por emprego, espalhou currículos pela cidade enquanto trabalhava de ajudante de pedreiro. Dentre as possibilidades, as maiores expectativas de se empregar com “carteira assinada” foram reduzidas, especialmente, a três empresas: indústria de biscoitos FAVILLE, indústria de beneficiamento do leite FRIMESA e Unidade de aves COPAGRIL.

Todas as três empresas destacadas por André como possibilidade de se empregar são empresas alimentícias da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR. Não é por acaso que suas expectativas de conseguir um emprego formal o direcionou para tais ocupações, pois boa parte dos empregos disponibilizados nesta cidade é fruto de um intenso fluxo entre desligamentos e admissões de trabalhadores, além, é claro, das empresas alimentícias deterem parte significativa dos empregos formais da cidade. Ao passo que as empresas de alimentos têm relativa liberdade de explorar a força de trabalho local, também disponibilizam “oportunidades” de se empregar rapidamente devido a uma constante rotatividade neste setor. Muitas dessas vagas são preenchidas por falsas promessas relacionadas à boa remuneração e “oportunidades” profissionais que não se realizam. A decepção de André ante ao que foi prometido é representativa daqueles que esperam concretizar sonhos através do trabalho.

Os significados difundidos como expectativas positivas do trabalho industrial são desconstruídas através das experiências de trabalho daqueles que são dominados por um processo de constituição industrial recente em Marechal Cândido Rondon-PR. Ao falar de trabalho, André se frustra ao recordar de suas expectativas que nunca, efetivamente, se concretizaram. O sentido do trabalho, para este jovem trabalhador, deveria estar associado ao objetivo de adquirir conhecimento e de, em seguida, “crescer” profissionalmente.

[...] trabalhar, para ter conhecimento assim e ir para frente sabe? Crescer na vida. E o pessoal, assim, como se quisesse *rebaixar o cara*. Chegasse lá e dissesse você vai ser só isso e nada mais que isso, entendeu? Eles já tinham outra ideia. Vamos supor, na entrevista, quando eles vão pegar o pessoal lá para trabalhar, eles falam assim: “Lá você tem garantia de futuro, você pode crescer, pode ir para o escritório, mudar alguém” sabe? Ter outros conhecimentos, de repente ir para a manutenção, ou manutenção industrial,

qualquer outra coisa. Conhecimento de máquinas, ir conhecer para fora, fazer outros estudos. Ofereciam até curso, falaram que a gente ia aprender curso e tal. *Na verdade, isso é muito difícil de acontecer.*<sup>44</sup> Grifo nosso

As promessas de “crescimento” profissional foram reproduzidas por propagandas positivas, em função do fortalecimento industrial, e depreciativas, em relação aqueles que não suportam mais a intensificação do trabalho, o baixo salário e os descontos na alimentação no fim do mês. Para André, o trabalho que executava na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL não corresponde aos significados e aos valores do trabalho socialmente divulgados. André compreende que não há possibilidade de autonomia em seu trabalho. Ao destacar que eles “só rebaixam o cara”, minimamente contesta sua condição de classe. André compreende que o argumento de “crescimento” individual “é muito difícil acontecer” e entende que esse discurso é enganoso.

Fernanda tem 29 anos, nasceu em Cascavel-PR e foi para Curitiba-PR aos dezoito anos de idade em busca de emprego. Em Curitiba-PR, Fernanda se casou e teve uma filha. No ano 2010, foi para Foz do Iguaçu-PR, e mudou-se, no mesmo ano, para Marechal Cândido Rondon-PR. Fernanda já trabalhou em algumas empresas antes de trabalhar na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Trabalhou na fábrica de bolas KAGIVA e em Pizzarias desta cidade. A experiência de trabalho na Unidade Industrial de aves COPAGRIL foi rápida, apenas 45 dias, mas foi necessária para compreender que aquele trabalho não é nada compensador.

[... ] quando a gente começa assim “aí é que o salário é muito bom!” “Aí que você vai ganhar bem!” aí você vai fazer... você experimenta lá pra ver né, quando você chega não é nada disso! Porque você só trabalha... trabalha dá o de você lá dentro pra desencardir o que tá encardido e deixar tudo OK lá dentro né..? E o salário vira em desconto! É vale transporte né? É alimentação é isso... isso... aí não sobra nada! Do que falam e realmente vai ser!<sup>45</sup>

Assim como André, Fernanda também apontou para a contradição “do que falam e o que realmente é” a respeito do trabalho nas indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR. De acordo com a experiência de trabalho de Fernanda, percebe-se uma decepção clara ante os significados positivos divulgados como um trabalho que se “ganha bem!”. Fernanda

---

<sup>44</sup> André, 25 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20 de março de 2011.

<sup>45</sup> Fernanda, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 11 de fevereiro de 2011.

identificou rapidamente a contradição entre as propagandas que faziam do frigorífico e as implicações reais deste trabalho para sua vida. Fernanda apontou para os descontos do salário no fim do mês como contradição na concepção que associa o emprego no frigorífico a um trabalho que é compensador financeiramente.

Os descontos nos salários consistem na expressão da exploração deste setor empresarial, desconta-se do salário mínimo dos trabalhadores o transporte que os conduz à fábrica e a alimentação, restando-lhes pouco para sobreviver. A opressão e a exploração do trabalho é sentido e vivenciado pelos inúmeros trabalhadores da atividade industrial em Marechal Cândido Rondon-PR: “você só trabalha... trabalha dá o de você lá dentro”. Conforme as reflexões de Marx sobre a exploração do trabalho na sociedade capitalista, pode-se identificar um conjunto de implicações imbricada na experiência de trabalho dos trabalhadores que confirmam a relevância destes estudos. Segundo Marx, a “mais valia” é a diferença entre o salário pago para o trabalhador reproduzir sua força de trabalho e a produção a partir de sua jornada de trabalho<sup>46</sup>. É possível inferir, portanto, que o salário oferecido por estas empresas, incluindo os cortes referentes a alimentação e condução dos trabalhadores, está comprometendo até mesmo a reprodução da força de trabalho em Marechal Cândido Rondon-PR.

Sabe-se que o valor diário da força de trabalho é calculado tomando-se por base certa duração de *vida* do trabalhador, a qual corresponde a certa duração de jornada de trabalho [...] o valor do trabalho tem de ser sempre menor que seu produto-valor, pois o capitalista sempre faz a força de trabalho funcionar por mais tempo do que o necessário para a reprodução de seu próprio valor.<sup>47</sup>

Fernanda é o exemplo de trabalhadora que não se adaptou ao ritmo da fábrica, com o ambiente gelado e com as exigências dos chefes da linha de produção. Fernanda trabalhou um mês e quinze dias no setor de desossa na Unidade Industrial de aves COPAGRIL em 2010 e pediu demissão, mas retornou no mesmo ano para trabalhar no setor da limpeza. O retorno à Cooperativa de Aves COPAGRIL revela a falta de opções de se empregar nesta cidade. Por outro lado, o trabalho informal tem se tornado uma saída para estes trabalhadores, pois, mesmo que precarizado, é menos despótico que o ritmo de trabalho das indústrias de alimentos. Após a breve passagem de Fernanda no emprego na fábrica, ela foi trabalhar em

---

<sup>46</sup> MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. Volume I, Livro primeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 173-176.

<sup>47</sup> MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. Volume II, Livro primeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 129-130.

uma Pizzaria da cidade, um trabalho informal em que não há descontos salariais, mas que a isenta de todos os seus direitos trabalhistas.

Segundo as reflexões de Marcelo Carvalhal, Marechal Cândido Rondon-PR se insere na contracorrente de uma tendência nacional, pois a região tem registrado, nesta última década, um crescimento favorável aos empregos formais, especialmente aos ligados à indústria<sup>48</sup>. No entanto, também é possível identificar, conforme a experiência dos que vivenciaram este trabalho, ampla rejeição dos trabalhadores em relação aos empregos formais disponibilizados.

Então... eu vou falar uma coisa pra você... eu não quero mais trabalhar em fábrica assim não! Emprego assim... [...] Há... Você não acostuma! Minha tia falou, “aí vai abrir um frigorífico de porco, põe currículo lá...!” aí eu falei... “mas eu quero é ficar longe desse negócio” (risos) quero passar bem longe... Não vixi... tem que trabalhar numa coisa que você sabe fazer né..? que você acostuma... vai pegando o jeito.<sup>49</sup>

Os sentidos do trabalho revelam a característica dos operários em negar o trabalho precário que lhes é oferecido. A “fala” de Fernanda em que “tem que trabalhar numa coisa que você sabe fazer... que se acostuma, vai pegando o jeito” se aproxima da discussão de Charles Wright Mills, quando o sociólogo estadunidense reflete sobre os sentidos intrínsecos do trabalho. Segundo a reflexão do sociólogo, não existe um sentido em si mesmo do trabalho na sociedade capitalista<sup>50</sup>. Os significados identificados por Fernanda nas empresas alimentícias são, em grande medida, resultado das novas relações de trabalho que se intensificaram especialmente depois dos anos 2000.

No entanto, a constituição de um perfil de força de trabalho contestador tem despertado preocupação nos industriais da cidade. Segundo matéria divulgada em “O Presente” em março de 2011, o presidente da ACIMACAR<sup>51</sup> sugere mudanças para os problemas encontrado pelos industriais referentes a permanência da força de trabalho nas indústrias.

[...] é preciso mudanças nas empresas, o que enxerga como oxigenação, oportunidade de novos fôlegos, ideias e intenções. Porém, colocando na balança, avalia que a rotatividade tem mais ônus do que bônus. Para a

<sup>48</sup> CARVALHAL, M.D.. “O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital”. In **Revista Pegada**. N.1, v. 18, Presente Prudente: UNESP, 2007, p.80.

<sup>49</sup>Fernanda, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza, Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 11 de fevereiro de 2011.

<sup>50</sup>MILLS, C.W.. **A Nova classe média**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976, p. 242-256.

<sup>51</sup>Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Marechal Cândido Rondon-PR.

presidente da Acimacar, quando os funcionários buscam melhorias de emprego também pode haver equívocos, pois muitas empresas oferecem oportunidade de crescimento interno. “Temos a tendência do público mais jovem que está entrando no mercado de trabalho, e trabalha menos tempo e busca novos espaços. Isto não é de todo ruim, mas *as oportunidades acontecem também dentro das empresas, muitas têm formação de planos de cargos e salários para que, com a permanência, os bons funcionários alcancem outros degraus*” finaliza.<sup>52</sup> Grifo nosso

A matéria do jornal reproduz exatamente as expectativas que impulsionaram, e, por conseguinte, frustraram tanto André quanto Fernanda. Os sentidos do trabalho industrial identificados pelos trabalhadores não são, em momento algum, considerados como possibilidades de entender a amplitude do problema. Obviamente, o interesse dessa matéria era justamente o oposto disto, pois enfatizou os “ganhos” individuais que o trabalhador poderia ter se, por ventura, aguentasse permanecer empregado. Neste trecho do jornal, o presidente da ACIMACAR reforça a propaganda de “crescimento” profissional para “alcançar outros degraus” o que, para o conjunto da classe trabalhadora, nunca se realizará nestas circunstâncias .

No fundo, a real intenção dos industriais não está de maneira alguma associada à promoção individual dos trabalhadores, e sim com a reprodução da força de trabalho para as indústrias. As promessas são recompensas individuais que eventualmente poderão acontecer de acordo com o grau de fidelidade do trabalhador. Os espaços onde é construída a possibilidade de pensar a rejeição do trabalho intensificado como produto de iniciativa individual, e não como implicações de um conjunto de relações intensificadas do trabalho, são os mesmos espaços onde são construídos os significados positivos da industrialização recente.

A luta de classes presente no confronto entre a imagem positiva da atividade industrial e os sentidos do trabalho para os trabalhadores são, sobretudo, sínteses de um processo de industrialização recente e conflituoso. André trabalhou sete meses na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL e logo percebeu a falta de expectativa com o trabalho que executava. Percebeu ainda mais, identificou a exploração e a impossibilidade de se poder “crescer” pessoalmente dentro da empresa devido ao despotismo das relações de trabalho.

A classe trabalhadora que constitui esse novo perfil de força de trabalho das indústrias tem se mostrado menos paciente em relação ao trabalho que executam. O absentéismo tem se tornado, por vezes, um recurso desse grupo de trabalhadores.

---

<sup>52</sup> O PRESENTE. “Empresas enfrentam rotatividade de mão de obra” 11 de março de 2011, p. 10.

[...] você faltava um minuto, dez segundos, eles te cobravam, agora, para você receber deles uma hora, meia hora ou dez minutos, nossa, você tinha que fazer... Era bem complicado. Ai por causa disso o pessoal começou a se irritar. Pensou, “vamos trabalhar para que no sábado e no domingo se os caras não estão pagando mais?” Que hoje em dia sabe como que é, ainda mais lá que era cansativo. Daí o pessoal começou a mudar de ideia, começou a se unir, o pessoal mesmo lá dentro começou a se unir contra os chefes e não vinha trabalhar nos sábados e domingos. Teve dias que eles não conseguiam pessoal, vinha material, vinha frango para abater, mas tiveram que deixar parado lá dois dias, que é prejuízo para eles também, porque eles ficam sem comer, sem alimentação e tem os stress que eles falam lá, e tinha que ficar parado, para começar a abater na segunda-feira. Isso porque não tinha gente para trabalhar, tinha que deixar parado porque não tinha gente para trabalhar. Eles dispensavam os que tinham vindo, retribuía os que tinham vindo e pisavam nos que não tinham vindo, até com dar a conta e tal, varias coisas. Era bem complicado...<sup>53</sup>

Este perfil de trabalhador tem demonstrado sua insatisfação com o trabalho que executa e, por isso, a trajetória de vida dos trabalhadores tem se mostrado curta nas empresas de alimentos desta cidade. A contradição se torna mais evidente, pois enquanto há o desligamento deste grupo de trabalhadores da indústria, há também a possibilidade de se empregarem com certa facilidade em outra empresa deste ramo. André, acima, relata sobre a insatisfação de um grupo de operários com o trabalho nos fins de semana. Identifica, sobretudo, um ambiente de trabalho tenso que privilegia especialmente a produção.

Os sentidos deste trabalho vivenciado pelos trabalhadores que acompanham o processo de intensificação no trabalho de perto são frequentemente negativos. O esforço dos trabalhadores em estabelecer conexão entre o trabalho e suas próprias vidas é, sobretudo, a desconsideração ou a negação do trabalho nas indústrias enquanto relação humana. O oposto disto, e sem muito esforço, é perceptível quando se analisa a experiência de trabalho daqueles que são diretamente atingidos pelo processo industrial recente.

Olha a minha vida sempre foi sofrida... mas quando eu entrei lá eu imaginava assim uma coisa diferente... depois que eu entrei lá é... eu vi que era totalmente diferente... totalmente diferente, então assim... o que me levou a ficar mais...mais, tipo assim eu fiquei um ano e três meses, eu queria sair antes, muito que me incentivou era as amizades que a gente tinha lá... nós tipo dava força pra outra né..? Era muito forte e sincera... e isso que acaba te motivando a ficar lá, porque não é fácil... [...] Olha... Se me perguntasse se... se eu... quisesse voltar pra lá com um salário melhor eu não faria isso

---

<sup>53</sup> André, 25 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 20 de março de 2011.

(risos)... Eu não faria isso![...] você tem hora para entrar, mas não tem hora pra sair!<sup>54</sup>

Ana Maria tem 29 anos, trabalhou um ano e três meses na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrou no frigorífico em 27 de outubro de 2005 e saiu em 29 de Março de 2007. Assim como André e Fernanda, Ana Maria entrou para trabalhar no frigorífico com expectativas que, ao longo do tempo, foram frustradas. Ana Maria é amapaense e veio para Marechal Cândido Rondon-PR em busca de trabalho. Filha de trabalhadores, Ana Maria adquiriu doenças nas mãos, devido aos movimentos rápidos que executava na linha de produção, e nos olhos, devido ao frio no ambiente de trabalho. Lembra-se negativamente de sua experiência de trabalho na fábrica. Ana Maria recorda-se que, com frequência, era alongada a jornada de trabalho para garantir a produção. Indignada com a exploração sofrida, Ana Maria destaca “você tem hora para entrar, mas não tem hora para sair”. As lembranças positivas identificadas por esta trabalhadora são as amizades feitas durante o tempo em que trabalhou. As amizades conquistadas no interior da fábrica foram para ela uma forma de suportar o desgastante trabalho. Ana Maria, depois de um ano e três meses trabalhando no frigorífico, não suportou mais o alongamento das horas trabalhadas e pediu demissão. Ana Maria aponta que tinha que cumprir uma produção determinada em uma jornada de trabalho indeterminada. Conforme as reflexões de Marx sobre a extração de mais valia absoluta podemos observar o seguinte:

A jornada de trabalho não é, portanto, constante, mas uma grandeza variável. É verdade que uma de suas partes é determinada pelo tempo de trabalho exigido para continuar a reprodução do próprio trabalhador, mas sua grandeza muda com o comprimento ou da duração do mais-trabalho, portanto, determinável, mas em si e para si, indeterminada [assim] o capitalista procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho e transformar onde for possível uma jornada de trabalho em duas. [...] E assim a regulamentação da jornada de trabalho apresenta-se na história da produção capitalista como uma *luta* ao redor dos limites da jornada de trabalho – *uma luta* entre o capitalista coletivo, isto é, *a classe dos capitalistas*, e o trabalhador coletivo, ou *a classe trabalhadora*.<sup>55</sup> Grifos nosso.

---

<sup>54</sup> Ana Maria, 29 anos, entrevista realizada por Aparecida Darc de Souza e Fagner Guglielmi Pereira em 11 de fevereiro de 2011.

<sup>55</sup> MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. Volume I, Livro primeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 188 - 190.

Muito do que diz respeito às implicações do trabalho, é identificado pelos trabalhadores dos setores industriais como “tem que dar conta do serviço”. O “vareio”<sup>56</sup> acontece quando a linha de produção anda mais rápido do que a força de trabalho é capaz de suportar. Os “produtos” que não foram manufaturados retornam para a linha de produção alongando a jornada de trabalho dos operários. O mais-trabalho, identificado por Marx, se torna uma grandeza variável, no caso de trabalhadores como Ana Maria, porque existe uma combinação entre o ritmo intenso da produção e o posterior alongamento da jornada de trabalho caso aconteça um acúmulo de produção.

Ana Maria identifica um ponto importante. Não é apenas o salário, embora seja um dos principais problemas identificado pelos trabalhadores em relação à exploração do trabalho industrial, que determina os desligamentos dos trabalhadores. Pode-se dizer que o trabalho industrial, além de mal remunerado, é um local onde eclodem tensões e conflitos fundamentalmente gerados pela hierarquia fabril, bem como pelo despotismo imposto pelo ritmo de produção. Como identificado por Robert Linhart em *Greve na fábrica*<sup>57</sup>, o ritmo fabril é hostil e condicionado por uma pragmática hierarquia no ambiente de trabalho. Linhart ao trabalhar um ano e três meses numa fábrica de automóveis na França descreve sua percepção do trabalho na indústria. Muito daquilo que Linhart identificou em sua experiência é percebido pelos trabalhadores das indústrias de alimentos.

Eles se sentem vigiados, na verdade a pessoa se sente... Na verdade se hoje ela faz 3.2, você vai vigiar ela vai continuar fazendo, mas tem muitas pessoas que ela faz 3.2, mas se a pessoa não é vigiada ela acaba não fazendo isso daí. A reação dela é diferente, se você para nela e vai marcar a reação dela é diferente, ela tem uma reação... certinha, ela acaba fazendo certinha, mas no momento que a pessoa até... ela não tá mais cronometrando ela acaba... normalmente eles vão falar que a faca tá sem fio... essa parte é ruim de cobra, porque você vai dizer pra pessoa, não tem que desossar a 3.2, não pode também porque a faca não tem fio... a pessoa ela... ela se irrita né...? Porque ela já tá num... num...Tem muitas pessoas que já vem num clima extressante né..? Na hora que tão desossando bem, você chama a atenção, que elas acabam executando o serviço certo.<sup>58</sup>

Ricardo tem 26 anos, nasceu em Raul Gonzales no Rio Grande do Sul e aos dezoito anos trabalhou em uma metalúrgica nesta mesma cidade. Chegou a Marechal Cândido

---

<sup>56</sup>Segundo Aline, 27 anos, trabalhadora do SIF (Sistema Interno de Fiscalização) Vareio “É o acúmulo de frangos, ai a gente chama de “vareio”. É que quando estraga a esteira, ou tem frango doente, daí acumula... daí fica tudo lá. E o povo [trabalhadores] tem que ficar.”

<sup>57</sup>LINHART, R.. **Greve na fábrica**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

<sup>58</sup> Ricardo, 26 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 10 de Favereiro de 2011



Rondon-PR em 2002 sob influências de familiares. Ricardo se deslocou do Rio Grande Sul em busca de trabalho. Seus pais moram no campo. Ao recordar do lugar onde nasceu e viveu durante dezoito anos de sua vida, Ricardo lembra-se que era um lugar bom para se viver, porém pouco industrializado. Esse jovem trabalhador se ocupou de alguns empregos informais até começar a trabalhar em uma transportadora no ano de 2004. Na transportadora, Ricardo trabalhou por dezenove meses. Em agosto de 2005, Ricardo entrou para trabalhar na Unidade de Aves COPAGRIL. A princípio, o rapaz não queria entrar na Unidade de aves COPAGRIL por já ter tido uma experiência com a atividade industrial no Rio Grande do Sul. Mas, sobretudo, foi incentivado pelas “oportunidades” que poderiam ser oferecidas, tendo em vista que era uma indústria que estava começando “aí o pessoal me falou, hoje é melhor começar em uma indústria que está começando”. Com este objetivo, Ricardo começou a trabalhar na Unidade de Aves COPAGRIL. Trabalhou lixando facas, fase que antecede a afiação das facas para a desossa das coxas do frango. Logo nos primeiros dias, suas expectativas com as “oportunidades” que poderiam ser oferecidas foram lhe diminuindo: “daí nos primeiros dias que eu entrei lá, eu trabalhei na parte da produção que era de... de você lixar faca. [...] o meu pensamento era que de lá eu não saia mais ... de ficar um ano três meses e sair”. A primeira impressão de Ricardo foi negativa em relação ao trabalho que executava. Ricardo pensava que não sairia mais da condição frenética de lixador de facas. Pensou em ficar um ano e três meses até conseguir um novo emprego e poder, então, se livrar do trabalho no frigorífico. No entanto, Ricardo trabalhou um tempo depois no setor da produção onde acontece a preparação do fio das facas para o setor da sala de cortes. Depois de algum tempo, fez um exame que continha perguntas de conhecimentos técnicos para uma promoção, que disponibilizava vagas para trabalhar no setor de Planejamento e Controle de Produção (PCP). O PCP, até então, não existia no interior da fábrica. A partir de fins de 2005 e início de 2006, formou-se um departamento exclusivo para planejar, controlar e explorar ainda mais a força de trabalho dos trabalhadores, no qual Ricardo foi “aprovado” para trabalhar. Após entrar no setor de Planejamento e Controle da Produção, Ricardo aprendeu, em sua totalidade, os procedimentos da produção do frigorífico. Era essencial a adaptação e o conhecimento técnico da produção para que Ricardo permanecesse no Planejamento do Controle da Produção.

Na “fala” acima, Ricardo relata sobre os conflitos gerados na produção, bem como os mecanismos utilizados pelos trabalhadores da produção para resistir ao ritmo imposto de 3.2 coxas desossadas por minuto. É interessante observar que a divisão e especialização do

trabalho apontada por Karl Marx<sup>59</sup>, além de viabilizar maior extração de valor, também é uma forma de gerar expectativas de “crescimento” profissional e controlar a produção. Ricardo passou de operário manual, para um operário que faz parte de um lado da divisão do trabalho identificada como “intelectual”. Essa “racionalização” da produção gera conflitos entre a subordinação do trabalho manual diante o trabalho intelectual.

Você ganha um “reloginho” para controlar o horário do povo. O povo não pode ficar muito tempo sentado na cadeira, tem que logo tem que estar de pé. A cada dez minutos acho que roda a cadeira pra sentar um pouco. Daí tem o “reloginho”, pra controlar o horário que entra, que sai, se alguém chega atrasado. Daí tem o outro que é o encarregado do líder, ele tem uma faixinha no braço. Daí só ele pode ligar a maquina, desligar a maquina. O que tem uma faixinha assim no braço. Ai o outro que manda nele já tem duas faixinhas no braço. E o que manda em tudo tem três faixinhas no braço. E têm os relógios, todos eles têm o “reloginho” para controlar. Toda hora eles ficam com aquele “reloginho” controlando o povo. Não, porque foi no banheiro são cinco minutos, tem que subir as escadas e não pode passar, se não você já ganha lá um termo de orientação. É por isso que a gente fala “reloginho”. “Ganhou um relógio, tem o poder”.<sup>60</sup>

Aline tem 26 anos e há dois anos trabalha na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Assim como Ricardo, ela faz parte de um setor na indústria responsável pela fiscalização da produção. Diferente de Ricardo, Aline teve maior experiência com o trabalho na produção. Aline ingressou na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL trabalhando na desossa de coxas do frango, sua experiência com essa função durou aproximadamente um ano. No relato acima, Aline aponta para a relação hierárquica no interior da fábrica. Esta relação é percebida pela trabalhadora como uma relação de “quem tem o relógio, tem o poder”, exemplificando o ambiente controlador e punitivo das relações de trabalho desta empresa.

É importante percebermos nesta estrutura da divisão do trabalho profunda preocupação com a produção. Os relógios, citados por Aline, referem-se ao controle do tempo do trabalhador. O interesse é capitalizar todos os momentos dos trabalhadores em função dos recordes de produção e de extração da maior quantidade lucro possível.

O conjunto das “falas” dos trabalhadores envolvidos neste processo revelou as características do despotismo fabril. Fernanda apontou as exigências dos chefes como um dos motivos que a levou a se desligar prontamente do emprego fabril em menos de 45 dias. Ana Maria indicou as dificuldades de se trabalhar em um ambiente “anormal”, onde não se tem

---

<sup>59</sup> MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 267-289.

<sup>60</sup> Aline, 26 anos, entrevista realizada por Fagner Guglielmi Pereira e Guilherme Dotti Grando em 06 de Fevereiro de 2011.

tempo nem para ir ao banheiro ou respirar. André aponta para sua condição de inferioridade, em que os chefes e líderes de linhas de produção “só querem rebaixar o cara”. Os próprios trabalhadores dos setores “privilegiados” desta relação, os que trabalharam nas áreas de Planejamento e Controle da Produção (PCP) e Sistema de Inspeção Federal (SIF), perceberam a brutalidade do trabalho industrial. A contradição do que foi divulgado como “trabalho dignificante” e propício a prosperidade de todos são geradores de sentimentos de indignação e contestadores de uma expressiva classe operária.

## CONCLUSÃO

Como os operários das indústrias em Marechal Cândido Rondon-PR entendem o processo de fortalecimento da atividade industrial neste município? Esta foi a pergunta que norteou este trabalho. Por diversos caminhos este tema poderia ser explorado. Optei, entretanto, por começar a discussão a partir do ponto de vista da articulação da ampliação e reprodução do capital em Marechal Cândido Rondon-PR. Este caminho se mostrou bastante promissor. Permitiu-me entender a partir de propagandas pro atividade industrial a contradição entre “o que dizem, do que realmente vai ser” como declarou Fernanda, uma das jovens operárias com quem tive a oportunidade de sentar-me para uma conversa. Ao contrapor as experiências de trabalho dos operários com as fontes do jornal “O Presente”, percebi que o processo de fortalecimento industrial em Marechal Cândido Rondon-PR é fruto de muitas contradições.

Uma avalanche de matérias jornalísticas foi produzida entre os anos 2000 e 2010. Estas matérias propagam expectativas de prosperidade a ser alcançada, necessariamente, a partir do fortalecimento da atividade industrial na região Oeste do Paraná. As matérias divulgavam com muita positividade os “benefícios” que tal atividade pode acrescentar para o “desenvolvimento regional”. Aumento da renda municipal, crescimento de empregos e divisão dos lucros obtidos através do fortalecimento industrial parecem ser uma proposta que satisfazem desde trabalhadores até empresários da região. Muitas páginas do jornal foram dedicadas exclusivamente para divulgar esta opinião. Longe de ser uma posição imparcial, o apoio do jornal “O Presente” contribuiu para formar uma única possibilidade de pensar o “crescimento do município”. Anos dedicados a este posicionamento resultou na instalação da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL em Marechal Cândido Rondon-PR. Mais do que aprovar um projeto industrial, a oficialização da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL apresentou, com muita clareza, a articulação entre prefeitura municipal, jornal e empresários em função de um projeto político-econômico favorável a uma nova “orientação” do capital regional.

De acordo com esta visão, o fortalecimento industrial além de gerar um suposto “desenvolvimento regional” ajudou, também, a repercutir socialmente que o município de Marechal Cândido Rondon-PR era “bom de emprego”, conforme afirma Luíza, operária da Indústria de Beneficiamento do Leite FRIMESA. É possível, entretanto, perceber um crescimento significativo na população de Marechal Cândido Rondon-PR desde então.

Trabalhadores de inúmeros municípios constituíram uma numerosa classe operária disposta a participar dos “benefícios” de uma cidade industrializada. No entanto, o aumento populacional funcionalizou o crescimento na produção industrial, regulou os salários e ofereceu maiores possibilidades de extração de mais valia. O ritmo de produção atingiu patamares desumanamente altos. Em contrapartida, a oferta de empregos não acompanhou o ritmo da produção. Com isto, aumentou a possibilidade de intensificação do trabalho nas indústrias. Os recordes de produção se tornaram obsoletos na medida em que os anos se passaram. Os números divulgados pelas indústrias a partir de 2005 indicam a ascendente intensidade do ritmo produtivo. Diante desse quadro, a tendência do “trabalho intensificado”, como afirma o professor Antonio Bosi, gerou um numeroso operariado rotativo, que já havia sido constatado pelo professor Rinaldo José Varussa.

Entretanto, as implicações do ritmo de trabalho foram intensamente sentidas por trabalhadores com quem tive oportunidade de conversar, como Ana Maria, amapaense e filha de trabalhadores. Ana Maria resolveu trabalhar na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL a partir de 2005. Ana Maria não se adaptou ao ritmo intenso do trabalho. Adquiriu doenças nos olhos e nas mãos depois de praticamente dois anos de dedicação na linha de desossa de coxa. Ao declarar que “você tem hora para entrar, mas não tem hora para sair”, Ana identifica a exploração do trabalho a partir de um intenso ritmo produtivo. Ana Maria provavelmente aprendeu este jargão com base na experiência compartilhada com os operários do mesmo setor, o que indica uma concepção comum a classe operária. André, outro protagonista de nosso trabalho, garantiu que não há possibilidade de se “crescer” individualmente em um ambiente extremamente conflituoso, “onde os chefes só querem rebaixar o cara”. Os sentidos identificados pelos trabalhadores são construídos a partir do modo de levar e organizar suas vidas. Isto se torna mais evidente quando se observa a percepção de Leandro ao relatar as escalas “apertadas” na fábrica de beneficiamento do leite FRIMESA, em que os operários “trabalham cinco dias e folga um [...] Pra sempre terem os funcionários lá e produzir [...] a vaca nunca para de dar leite”, ou Fernanda que, com humor, identifica sua condição de classe ao destacar que “Eles querem desossar você em vez do frango”. Neste caso, nota-se que a organização social dos operários é prejudicada pelo trabalho. É evidente, portanto, o conflito de classes nesta relação.

Cabe destacar, por fim, que o emprego oferecido pelas indústrias tem sido considerado pelos operários como uma ocupação imediata. Dentre onze entrevistas realizadas com os operários durante os dois anos de esforço de pesquisa, somente duas delas apontaram

trajetórias de trabalho que superam cinco anos seguidos de trabalho na indústria. O baixo salário, as doenças acometidas e a falta de tempo para organizar uma vida “alternativa” ao despotismo fabril, desmistificam a compreensão de que o processo de fortalecimento industrial em Marechal Cândido Rondon-PR é próspero para todos que participam dele.

## FONTES

### Orais

Relação dos trabalhadores entrevistados:

**Ana Maria**, casada, 29 anos, dona de casa, amapaense, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2000. Trabalhou na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL um ano e cinco meses. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Paraná do loteamento Florença em Marechal Cândido Rondon-PR.

**Aline**, casada, 26 anos, operária, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalha no setor de Sistema de Inspeção Federal da Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 06 de Março de 2011 na Avenida Maripá, bairro Botafogo em Marechal Cândido Rondon-PR.

**André**, solteiro, 25 anos, trabalhador autônomo, nasceu em Marechal Cândido Rondon-PR. Trabalhou de mecânico, pedreiro, ajudante de lavar carros, fábrica de móveis, e por sete meses trabalhou na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 20 de março de 2011 na rua Costa e Silva, centro, Marechal Cândido Rondon-PR.

**Fernanda**, solteira, 29 anos, desempregada, nasceu em Cascavel-PR, reside em Marechal Cândido Rondon-PR desde 2008. Trabalhou de garçonne, auxiliar de cozinha, fábrica de Bolas KAGIVA e Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Trabalhou 45 dias na Unidade de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 11 de fevereiro de 2011 na Rua Alecrim no bairro Higienópolis em Marechal Cândido Rondon-PR.

**Giovane**, solteiro, 23 anos, estudante universitário, nasceu em Guaraniaçu-PR. Veio para Marechal Cândido Rondon-PR em 2006. Trabalhou em fábrica de confecção e na Indústria de beneficiamento do leite FRIMESA, onde trabalhou três meses. Entrevista realizada em 17 de outubro de 2009 na Rua Pernambuco, Universidade Estadual do Oeste do Paraná-PR.

**João**, solteiro, 24 anos, estudante universitário, nasceu em São Paulo, em 1995 seu pai se mudou para Marechal Cândido Rondon-PR ao ficar desempregado em São Paulo. Trabalhou um ano e cinco meses na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL. Entrevista realizada em 27 de Novembro de 2009 na rua Pernambuco na Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon-PR.

**Leandro**, solteiro, 25 anos, estudante universitário e operário, nasceu em Santa Helena-PR, trabalhou na roça, no frigorífico de aves da SADIA em Toledo-PR. Trabalha na Indústria de

beneficiamento do leite FRIMESA. Entrevista realizada em 7 de dezembro de 2009 na Rua Paraíba, centro, Marechal Cândido Rondon-PR.

**Luíza**, solteira, 31 anos, estudante universitária e operária, cresceu em Tupãssi-PR. Trabalhou no frigorífico da SADIA em Toledo-Pr, na COPACOL em Cafelândia-PR. Veio para Marechal Cândido Rondon em 2004 trabalhou 15 dias na fábrica de biscoitos FAVILLE, na Unidade Industrial de Aves COPAGRIL e na Indústria de beneficiamento do leite FRIMESA. Entrevista realizada em 20 de Novembro de 2009 na rua Pernambuco na Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE de Marechal Cândido Rondon-PR.

**Marcelo**, solteiro, 23 anos, estudante universitário, nasceu em Céu Azul-PR. Veio para Marechal Cândido Rondon-PR em 2005, trabalhou na Unidade de Aves COPAGRIL durante dois anos. Entrevista realizada em 10 de Dezembro de 2009 na Rua Pernambuco, Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Marechal Cândido Rondon-PR.

**Marcos**, solteiro, 22 anos, estudante universitário, nasceu em Santa Helena-PR. Veio para Marechal Cândido Rondon-PR em 2007. Trabalhou três meses na fábrica de biscoitos FAVILLE. Entrevista realizada em 13 de outubro de 2009 na Rua Pernambuco na Universidade Estadual do Oeste do Paraná-Marechal Cândido Rondon-PR.

**Ricardo**, solteiro, 26 anos, operário, nasceu em Raul Gonzales no Rio Grande do Sul. Trabalhou na roça, indústria metalúrgica, transportadora e Unidade Industrial COPAGRIL onde trabalha no Planejamento de Controle de Produção. Entrevista realizada em 10 de fevereiro de 2011 na rua Costa e Silva, centro, Marechal Cândido Rondon-PR. Reside junto com André.



## **Periódicos**

### **Jornal “O Presente” entre os anos de 2000-2010:**

O PRESENTE. “Crescimento Inegável”. Marechal Cândido Rondon, 4 de Agosto de 2000, p. 2.

O PRESENTE. “União fundamental”. Marechal Cândido Rondon, 08 de Maio de 2001, p. 2.

O PRESENTE. “Um grande negócio”. Marechal Cândido Rondon, 01 de Agosto de 2001, p. 2

O PRESENTE. “Opção difícil”. Marechal Cândido Rondon, 13 de Março de 2002, p. 2.

O PRESENTE. “Seguindo a vocação”. Marechal Cândido Rondon, 20 de abril de 2002, p. 2.

O PRESENTE. “Final Feliz”. Marechal Cândido Rondon, 25 de abril de 2002, p. 2.

O PRESENTE. “Produzindo Riquezas”. Marechal Cândido Rondon, 27 de Abril de 2002, p. 2.

O PRESENTE. “A Força da Indústria”. Marechal Cândido Rondon, 09 de abril de 2003, p. 8.

O PRESENTE. “Incentivos”. Marechal Cândido Rondon, 09 de abril de 2003, p. 8.

O PRESENTE. “Cooperativismo: sinônimo de progresso”. Marechal Cândido Rondon, 03 de Julho de 2004, p. 2.

O PRESENTE. “Bom projeto”. Marechal Cândido Rondon, 15 de abril de 2004, p. 2.

O PRESENTE. “Um projeto vencedor”. Marechal Cândido Rondon, 10 de dezembro de 2004, p. 2

O PRESENTE. “Geração de empregos é objetivo do município”. Marechal Cândido Rondon, 25 de janeiro de 2005, p. 9.

O PRESENTE. “Copagril inaugura hoje o frigorífico de aves”. Marechal Cândido Rondon, 28 de janeiro de 2005, p. 15.

O PRESENTE. “Chegou o grande dia”. Marechal Cândido Rondon, 28 de Janeiro de 2005.

O PRESENTE. “Frimesa fecha 2005 com balanço positivo”. Marechal Cândido Rondon, 18 de fevereiro de 2006, p. 10.

O PRESENTE. “Palestra vai abordar relação patrão/empregado”. Marechal Cândido Rondon, 13 de abril de 2006, p. 7.

O PRESENTE. “Hoje é o dia da indústria”. Marechal Cândido Rondon, 25 de maio de 2006, p. 2.

O PRESENTE. “Cooperativas faturam R\$ 16,5 bilhões em 2006”. Marechal Cândido Rondon, 29 de dezembro de 2006, p. 7.

O PRESENTE. “Copagril gera sobras de meio milhão de reais”. Marechal Cândido Rondon, 03 de fevereiro de 2007, p. 16.

O PRESENTE. “Pacto pelo desenvolvimento”. Marechal Cândido Rondon, 02 de junho de 2007, p. 2.

O PRESENTE. “Porque a industrialização é importante?”. Marechal Cândido Rondon, 05 de julho de 2007, p. 2.

O PRESENTE. “Três frigoríficos”. Marechal Cândido Rondon, 31 de janeiro de 2008, p.2.

O PRESENTE. “Faturamento da Copagril cresceu 55% em 2007”. Marechal Cândido Rondon, 07 de fevereiro de 2008, p. 7.

O PRESENTE. “Empresas enfrentam rotatividade de mão de obra”. Marechal Cândido Rondon, 11 de março de 2011, p. 10.

## **Fontes e Documentos Oficiais:**

### **Sítios na internet**

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ:

<http://www.amop.org.br/>

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS:

<https://granulito.mte.gov.br/portalcaged/paginas/home/home.xhtml>

[http://perfildomunicipio.caged.gov.br/seleciona\\_uf\\_consulta.asp?entrada=&uf=pr](http://perfildomunicipio.caged.gov.br/seleciona_uf_consulta.asp?entrada=&uf=pr)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA:

<http://www.ibge.gov.br> .

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONOMICO E SOCIAL:

<http://www.ipardes.gov.br/>

RELATÓRIOS ANUAIS DAS COOPERATIVAS (Unidade Industrial de Aves COPAGRIL e Indústria de Beneficiamento do leite FRIMESA):

<http://www.copagril.com.br/unidades/ua.html>

[http://www.frimesa.com.br/br/frimesa\\_relatorios.php](http://www.frimesa.com.br/br/frimesa_relatorios.php)

# REFERÊNCIAS

## Bibliográficas

BOSI, A. P. **Precarização e Intensificação do trabalho no Brasil recente: ensaios sobre o mundo dos trabalhadores (1980-2000)**. Cascavel, Edunioeste, 2011, 130p.

BOSI, Antonio e VARUSSA, Rinaldo J.. “Trabalhadores e trabalho no Oeste do Paraná: trajetórias de pesquisa”, in: ALMEIDA, Paulo ET all. **História Poder e Práticas Sociais**. Cascavel: Edunioeste, 2006

CRUZ, H.F. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. **Projeto História**. N.15, p.255-272, dez. 2007.

CARVALHAL, M.D.. “O emprego em Marechal Cândido Rondon/PR na dinâmica geográfica do Capital”. In **Revista Pegada**. N.1, v. 18, Presente Prudente: UNESP, 2007, p.77-100

COSTA, Gilvana. “O ‘desenvolvimento’ dos Arranjos Produtivos Locais (APRL’s) na região Oeste do Paraná”. In: **Anais Eletrônicos: VIII Semana Acadêmica de História: História e revoluções no mundo contemporâneo**. Marechal Cândido Rondon-PR: 2011.

DIAS, Edmundo Fernandes.. “Reestruturação Produtiva: forma atual da luta de classes”. In: **Revista Outubro**, São Paulo, nº3, p. 45-52, 2006.

ENGELS, F. MARX, K. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.

GUGLIELMI, Fagner. “A experiência operária: jovens trabalhadores universitários do setor agroindustrial de Marechal Cândido Rondon-PR. In: **Anais eletrônicos: II Simpósio Cultura, trabalho e poder: O ofício do Historiador**, 2010.

LINHART, R.. **Greve na fábrica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. **O Capital**. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MILLS, Wright. **A nova classe média**. 2.ed., Rio de Janeiro : Zahar, 1976. 380p.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 3 Volumes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VARUSSA, R. J.. “Industrialização, trabalhadores e justiça do trabalho (década de 1990): algumas considerações”. In: **Tempo da Ciência**. Toledo: Edunioeste, 2006.